

Coleção Histórias de Sergipe

SAGA DE O VENCEDOR



Dr. DIJAUME FRANCISCO DE LIMA - DEDINHA



Márcia Rejane Oliveira Santos

SAGA DE O VENCEDOR

Dr. DIJAUME FRANCISCO DE LIMA - DEDINHA

Márcia Rejane Oliveira Santos

Aracaju, 2021

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

Belivaldo Chagas Silva

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC

Sidiney Menezes Gerônimo

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE

Eliane Aquino Custódio

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto**SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA**

Josué Modesto dos Passos Subrinho

Membros do Conselho Editorial:

Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO

José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE

Mariana Dantas Mendonça Gois

Saga de um vencedor: Dr. Dijaume Francisco de Lima - Dedinha

Capa: Evair Brito

Diagramação: Vitória Bezerra

Revisão Ortográfica: Carlos Alexandre Nascimento Aragão

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Santos, Márcia Rejane Oliveira

S237s Saga de um vencedor: Dr. Dijaume Francisco de Lima –
Dedinha / Márcia Rejane Oliveira Santos. – Aracaju : Editora
SEDUC, 2021.

113 f. : il. color – (Coleção História de Sergipe)

ISBN 978-65-996787-0-7

1. Lima, Dijaume Francisco de, 1950-2008. 2. Biografia.
I. Santos, Márcia Rejane Oliveira. II. Título.

CDU: 929Lima, Dijaume Francisco de

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutemberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

SAGA DE O VENCEDOR

Dr. DIJAUME FRANCISCO DE LIMA - DEDINHA

Márcia Rejane Oliveira Santos



Editora
SEDUC

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE
E DA CULTURA



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

O Programa Editorial da SEDUC

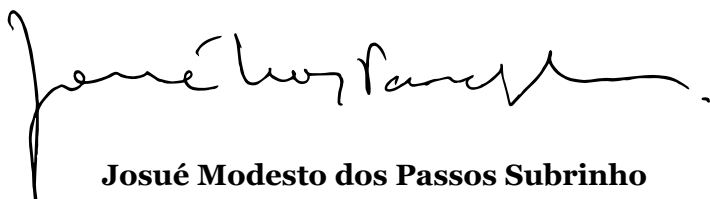
O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

A magia de escrever e desenhar é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

AGRADECIMENTOS

A Deus, ensejo da nossa eviternidade e busca infinita de aqui-
latarmos como Seres Humanos.

A Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura
- Programa de Incentivo À Publicação de Livros e Revistas - 2021.

Ao casal Durval e Maria Alice de Lima, pelas contribuições e
pela história em si.

Ao médico Dr. Dijaume Francisco de Lima por toda vida, ale-
gria, cura, verdade e amor ao próximo.

Ao Escritor Dr. Antônio Wellington Brito Júnior que prefa-
ciou esta obra.

Ao Mestre em Letras e escritor Carlos Alexandre Nascimento
Aragão que realizou a revisão bibliográfica.

A Maria Auxiliadora, Dr. Diego, Thiago e Dr. Igor Dijaume, há
inúmeras razões para vangloriar vossa origem.

A Derialda, Waltinho e Djenal Lima pela disponibilidade e pa-
ciência em longas tardes de escrita, reflexão e produção desta obra.

Aos colegas e amigos, tantos!

A Família Lima em toda a sua extensão.

*Dedico a Gustavo e Tarsila Maria...
eternizem a vida, a música, os sonhos!*

MENSAGEM

De uma família de treze irmãos. Meus pais nos criaram com muito sacrifício e respeito, num ambiente em que prevalecia a fé, a união e o amor. Apesar de uma divergência ou outra, sempre fomos todos muito unidos e afetuosos. Meu oitavo irmão em ordem de antiguidade, Dijaume Francisco de Lima, mais velho do que eu em dez anos, é o homenageado desta obra. Fomos criados em épocas diferentes e, quando eu ainda era muito jovem, ele já tinha se transferido para Aracaju, por conta dos estudos.

Sempre que folgava, voltava para a família, para a terra natal, onde nos divertíamos e brincávamos. Lembro do dia alegre e importante em que passou no vestibular, na segunda tentativa, e da alegria que a família teve quando soube que ingressaria na prestigiada faculdade de Medicina, na Universidade Federal de Sergipe. O ingresso na tão sonhada carreira teve momentos de muita alegria e glória, mas trouxe consigo uma responsabilidade enorme, pois meu irmão acabou tomando a frente, pela natureza da profissão, dos problemas de saúde relacionados a alguns membros da família.

Ele sempre os ajudava, inclusive à nossa mãe. Foi muito honroso vê-lo formar-se em Medicina, uma profissão preciosíssima na época. Primeiro médico nascido e criado em Ribeirópolis, um feito que encheu de orgulho toda a nossa família. Em sua vida de trabalho, foi tenente do Exército e um médico prestigiado nos locais onde exerceu a carreira. Uauá- BA demonstra muito bem, um médico querido, sempre lembrado pela população local. Apesar de o ser mais culto, meu irmão nunca ignorava os meus conselhos, apesar de eu ser, o caçula dos homens.

O trabalho nunca o manteve totalmente afastado. Lembro das festas que fizemos juntos, das festas que curtimos juntos, inclusive em sua residência. Tenho a recordação de um médico humano, competente, solícito e extremamente dedicado à família. Eu o admiro pelo caráter, pela correção, pela honradez, de um gênio forte, um grande cidadão, que gostava muito de sua terra e que foi vitorioso demais na profissão que escolheu. Um irmão e um filho que qualquer pessoa gostaria de ter e, por isso, sua partida deixou muita saudade, principalmente em virtude de seu passamento prematuro, aos cinquenta e sete anos. Deus o levou, mas está nos nossos corações, para o resto de nossas vidas.

Waltinho Lima

PREFÁCIO

De maneira simples e clara, Márcia Rejane Oliveira Santos reúne informações e narra um fabuloso exemplo de vida. Concomitantemente, traz a lume detalhes de uma família grande e prestigiada em Ribeirópolis, constituída, em sua integralidade, por homens e mulheres honrados (as). A saga de um médico que tanto honrou e fez por sua terra e por sua gente veio em boa hora e retrata uma homenagem mais que merecida ao Dr. Dijaume Francisco de Lima, meu saudoso tio.

A narrativa descrita pela autora recupera a genealogia da família, imprescindível para estabelecer muito daquilo que alguém é, pois somos, como dizia Ortega y Gasset, em palavras um pouco diferentes, o que nós somos e as nossas circunstâncias. A genética e o meio moldam a personalidade. E o homenageado desta obra guardava o traço sanguíneo de ancestrais honrados e dignos, que buscaram sempre um lugar ao sol apesar das dificuldades ínsitas às circunstâncias em que viveram.

A vida do Dr. Dijaume Francisco de Lima é o relato de uma abnegação. De um desejo invencível de fazer o bem, de honrar o nome e de ser feliz na vida. Quando vejo uma reconstrução do pas-

sado escrita de maneira tão cristalina pela autora, logo me vem à mente a enorme semelhança de nosso médico homenageado com Bertrand Russell, naquilo que mais domina um indivíduo com perspectivas existencialistas e com o dom de promover o bem, as três virtudes proeminentes de um espírito ativo: a busca incessante pelo conhecimento, o desejo imenso de amor e a inevitável compaixão pelo sofrimento alheio.

A exemplo do filósofo [e também gênio da Matemática], o meu tio médico, apesar de todas as adversidades e as tristezas que a vida lhe impôs de maneira sistemática e implacável, nunca deixou de estudar, sempre duvidou dos limites da instrução que detinha, e fez de tudo para se aperfeiçoar paulatinamente. Além disso, amou da forma mais intensa que seria possível, foi um excelente pai, um formidável esposo. Como católico que sou, sei que de algum lugar que não se mede pelo tempo e pelo espaço [e que, portanto, escapa à vã compreensão humana], ele continua festejando, feliz pelas conquistas que seus amados filhos alcançaram, contente por saber que seu legado foi bem compreendido, transmitido e seguido.

E, neste parágrafo derradeiro, realço a terceira grande qualidade, talvez a melhor das virtudes. Aquela paixão que se vê apenas em uma fração diminuta, neste mundo governado pela vaidade, pelo desprezo e pela ambição. Aquela característica tão peculiar aos santos, presente em escala máxima em Jesus e em Francisco de Assis, que é a de se compadecer com o sofrimento do semelhante, daquele que nem sequer conhecemos, mas que, ao menos, carece de uma palavra amiga, de um consolo afetuoso, de uma mensagem para seguir em frente quando as privações são intensas e parecem

insuperáveis. A compaixão pelos desafortunados, pelos descrentes, pelos loucos. Essa Medicina que atua à revelia da indústria farmacêutica, que cura a alma sem o remédio do laboratório, valendo-se meramente do reconforto da alma atormentada que só anseia em saber que sua presença foi notada, que sua existência conta para alguém.

Antônio Wellington Brito Júnior.

“Eu não estou aqui”

O homem não finda quando desencarna. Tio Dedinha não convive com os seus restos, parte dele ascendeu, parte dele permanece no coração da sua família, no empenho dos seus filhos, nas orações das suas irmãs, nas boas lembranças da população ribeiriopolense. Emanava luz que ora ofuscava, ora norteava, mas nunca ficava despercebida... Estará Ad Aeternum, sentado à mesa da Família Lima, no pátio externo da casa!

Dr. João Lincoln Lima Brito

SUMÁRIO

A ORIGEM	17
A BASE FAMILIAR	21
VIDA ESCOLAR	25
PRIMÁRIO	25
GINÁSIO.....	26
CURSO CIENTÍFICO	27
O COMEÇO	36
O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO	46
O CONVITE	48
O REGRESSO 1991	56
A AVARIA	67
HOMENAGENS PÓSTUMAS	69
QUEM O CONHECEU	81
COLORÁRIO	109
NO CAMINHO	113

A ORIGEM



Foto 1: Imagem de Nossa Senhora da Conceição de 1885
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

A origem de uma família contribui para a formação de gerações através de experiências importantes para o desenvolvimento de um povoado, de uma vila, de uma cidade, de um povo. Juntamente com outras famílias constituíram e construíram para que os frutos possam ser conjecturados e adquiridos pela comunidade de acordo com as diversas gêneses.

Ribeirópolis era conhecida como Saco do Ribeiro, recebeu esta denominação devido a um visitante forasteiro que carregava sempre um saco. Havia mistério e questionamento sobre os obje-

tos que carregava. Alguns moradores afirmavam que era um cigano, outros, um ladrão. Na verdade, a origem lendária, transforma e enriquece a cultura, a história do pequeno lugarejo, vila.

O lugarejo pertencia ao território de Itabaiana. Em 18 de dezembro de 1933, a região deixou de ser denominada povoado Saco do Ribeiro e passou a ser cognominada Vila Ribeirópolis. Em 28 de março de 1938, a Vila de Ribeirópolis foi designada cidade. A economia baseava-se na agricultura (algodão, mandioca, feijão, batata doce e amendoim). Apresentando também a criação de rebanhos bovinos, ovinos, suínos e equinos.

É neste cenário que nasce a história da família do Senhor Durval Lima e Maria Alice de Lima, pais do médico Dijaume Francisco de Lima, protagonista desta incrível saga que transcende a luz da história e reluz como ouro nas entrelinhas das emoções contidas na imensidão da trajetória.

O senhor Durval Lima é filho de um dos primeiros habitantes deste município, desde que era Freguesia de Itabaiana: o pioneiro José Francisco de Lima, popularmente conhecido como Zé Inspector, que se casou com Maria Romana dos Anjos. O casal residia neste município desde que se denominava Saco do Ribeiro. Habitava a Rua da Mangueira (a qual recebe esta denominação popular, hodiernamente). Após a emancipação política de Ribeirópolis, passou a cognominar Avenida Barão do Rio Branco.

O município, desde o princípio, possui dentre os aspectos fortes e tradicionais a religiosidade, pois, desde os primeiros habitantes que se realizavam Santas Missões. E muito religiosa, Ma-

ria Romana dos Anjos tinha em sua casa um oratório, colecionava imagens de Santos, dentre estas, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição do ano de 1885, que foi restaurada e está sob os cuidados de Maria Auxiliadora de Jesus Lima (viúva de Dijaume Francisco de Lima), que a restaurou, revestindo-a de ouro.

José Francisco de Lima e Maria Romana dos Anjos constituíram uma família de 11 filhos, dentre estes, Durval Lima, o caçula. Este perdeu o pai aos 2 anos de idade, foi criado pela mãe e pelas irmãs mais velhas.



**Foto 2: Cemitério do povoado Taborda – município de Nossa Senhora das Dores, Sergipe.
Jazigo perpétuo de Hermínio Rodrigues Sobral e Maria Cordulina Sobral no povoado
Taborda – município de Nossa Senhora das Dores, Sergipe.
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)**

Conforme fora crescendo, começou a administrar uma propriedade rural, parte da herança deixada pelo pai. Ele se casou, por sua vez, com Maria Alice de Lima, caçula de quatro filhos, filha de Hermínio Rodrigues Sobral e Maria Cordulina Sobral, comerciantes que possuíam uma bodega (como atual mercearia) e residiam no Taborda – povoado do município de Nossa Senhora das Dores, Sergipe.

De gosto muito requintado, fino e personalidade forte, Maria Alice de Lima foi amante da leitura, gostava de ler e escrever literatura de cordel, músicas, poemas. Levando para seus filhos e toda a família a importância da formação e dos estudos em geral.

Em busca de melhores condições estudantis decidiu morar no então povoado Saco do Ribeiro, fixando residência na extinta Rua São Paulo, esquina com a avenida Barão do Rio Branco, com frente à família Lima. Aproximadamente aos 15 anos de idade participou de um desfile alusivo à Emancipação Política de Ribeirópolis em 1933, na ala que representou os estados brasileiros.

Neste período em que moraram próximos, os jovens Durval Lima e Maria Alice de Lima, se conheceram e doravante viveram décadas até que a morte os separasse.

A BASE FAMILIAR

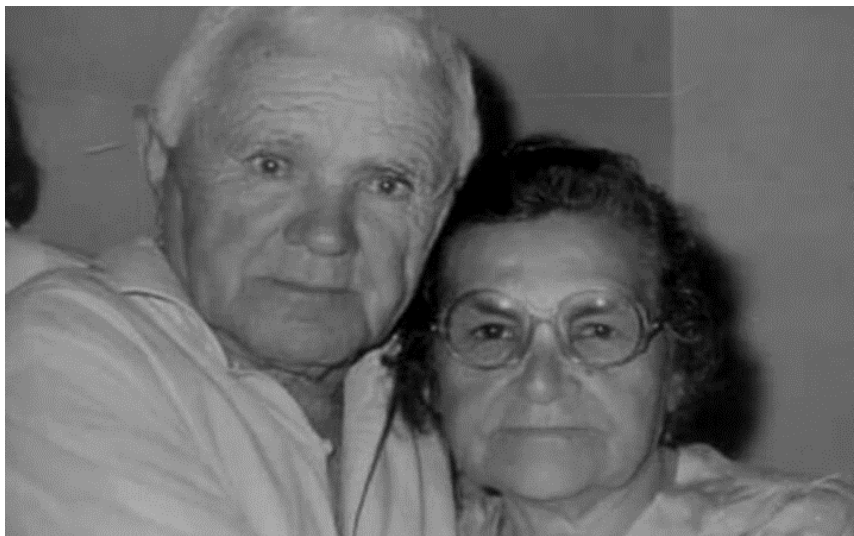


Foto 3: Durval Lima e Maria Alice de Lima
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Na época morando na mesma rua, os jovens Durval Lima e Maria Alice de Lima, encontram-se. Nascia uma história de amor, carinho e respeito. No dia 11 de maio de 1936, casaram-se. Juntos, constituíram uma família de 13 filhos, sendo 07 mulheres e 06 homens na seguinte ordem cronológica: Maria Durvalice Lima, Maria Dormelice Lima, José Dalécio de Lima, Diuzélia Lima, Derival Lima, Derivanda Lima, Maria José Lima, Dijaume Francisco de Lima, Djenal Lima, José Denis de Lima, Denicelma Lima Brito, Derivalter Lima e Derialda Lima.

Família tradicional do município de Ribeirópolis, pioneiros nesta região, contribuindo para o desenvolvimento de diversos setores da respectiva cidade, a exemplo da cultura, da economia, da educação e da saúde. É comum ouvir dizer que eram jovens alegres, participativos e referenciais na moda local, já que tinham alto poder aquisitivo. Participativos, estiveram nas mais intensas festas populares e religiosas do município. Festejar é traço marcante da família Lima.

A genitora, Maria Alice de Lima, esforçou-se e lutou incansavelmente para oferecer formação intelectual adequada aos filhos, velando para que fossem persistentes no estudo. Alguns tentaram a sorte nos estudos, mas regressaram, sem concluí-los. As condições da época eram muito diversas das atuais e o sucesso se apresentou àquele que buscou, sofreu e não desistiu. Mesmo diante das dificuldades, nosso personagem Dijaume foi resiliente. Entendeu que o esforço é sempre recompensado, e que os estudos dão a vida, a luz e a cor, para alcançar objetivos e metas.

A imagem mostra a família completa! No aniversário de 15 anos da filha mais nova, Derialda Lima, em 08 de junho de 1977.



**Foto 4: Pais ao centro, rodeados pelos filhos e filhas.
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima na festa de seus 15 anos de idade)**

Durval Lima foi um grande empreendedor no setor agropecuário, contando sempre com sua esposa e parceira que no dia a dia auxiliava-o nos afazeres, acompanhando-o diariamente, produzindo as refeições para os trabalhadores, acompanhados pelos filhos do casal, pois não faziam distinção. Utilizando trabalho colaborativo, vivenciavam as alegrias e dissabores da jornada de trabalho.

Comercializavam o leite trazido de suas propriedades rurais para vender na cidade. A genitora, quando percebia que alguém passava por dificuldades ou não podia pagar, doava o leite. Era tradição também na Semana Santa doar peixe e bacalhau às pessoas que não podiam comprar.

Hodiernamente, um traço marcante da trajetória religiosa de nossa cidade é arrumar a frente das residências que ficam no percurso da procissão do Santo Padroeiro Sagrado Coração de Jesus, sendo esta mulher, Maria Alice de Lima, uma das precursoras desta tradição.

Ao chegar a sua residência, observava as atividades de casa, os deveres escolares, pois, muitos dos filhos, ao iniciarem a vida escolar, já estavam alfabetizados. A Senhora Maria Alice de Lima tinha como meta ver seus filhos e filhas formados. As filhas não se interessaram em seguir com os estudos após concluí-los no então município. Deralda Lima constituía exceção à regra, pois foi aprovada no vestibular para Ciências Contábeis, abandonando o curso depois, porém.

Apesar das dificuldades da época, como acesso, transporte escasso, dentre outros enfrentados, Maria Alice de Lima, mulher

notável, conseguiu direcionar os estudos dos filhos, dando-lhes oportunidade de estudar na capital do Estado de Sergipe, Aracaju. A todos ela franqueou a possibilidade de que frequentassem boas escolas e universidades, dando-lhes a opção, inobstante, de seguirem suas próprias escolhas.

Um dentre os filhos tinha um desejo e um sonho persistente. Tratava-se do oitavo na ordem de antiguidade, Dijaume Francisco de Lima, carinhosamente chamado de “Dedinha”, apelido dado pelos irmãos, pois tinha as mãos bonitas, os dedos bem desenhados. No começo, chamavam-no de “Dedinho”. Os irmãos pequenos criaram, com a inocência peculiar às crianças, um derivativo. Passaram a chamá-lo de “Dedinha”. Era como se todos acreditassem numa profecia, como se notassem, na condição de visionários, que ali estava o detentor de mãos cujo ofício seria o de amenizar dores e de salvar vidas.

VIDA ESCOLAR

PRIMÁRIO

Dijaume Francisco de Lima nasceu em 10 de novembro de 1950 na cidade de Ribeirópolis, no Estado de Sergipe. Um menino alegre, sorridente, brincalhão. Fora alfabetizado por sua mãe, Maria Alice de Lima, que em casa ensinava o alfabeto, os números, a ler e a escrever.

O menino iniciou o estudo formal, sistemático do 1º ao 4º ano primário, (equivalente ao ensino fundamental do 1º ao 5º ano) no Grupo Escolar Rural Abdias Bezerra, atualmente Colégio Estadual Abdias Bezerra, neste município.

Ao buscar fontes no colégio citado, nada foi encontrado. Informaram que há muitos anos houve uma enchente e muitas pastas e documentos antigos foram perdidos. Infelizmente, não há registros formais de seus estudos neste período, mas existe na memória de familiares e colegas de classe algumas saudosas lembranças. Antônio Passos Sobrinho, ao referir-se ao nosso homenageado, enfatiza “Meu amigo, meu colega de colégio, estudamos no Grupo Escolar Rural Abdias Bezerra, em Ribeirópolis, a primeira e a segunda série”.

GINÁSIO

Aos 15 anos, em 1965, Dijaume precisou mudar de cidade para prosseguir com os estudos e foi morar em Aracaju. Fez exame de Admissão para frequentar o renomado Colégio Jackson de Figueiredo, situado na Praça Olímpio Campos, 326 - Centro, Aracaju - SE, em regime de internato. Permanecia no estabelecimento escolar. Além de estudar, também vivia entre seus pares, em alojamentos normalmente anexos ao prédio principal. Atualmente, a unidade de ensino referida é o Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, vinculado à Diretoria de Educação de Aracaju – DEA, e à Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - Seduc. Foi exatamente ali onde Dijaume concluiu o curso ginásial, equivalente, atualmente, ao Ensino fundamental do 6º ao 9º ano.



Foto 5: Caderneta Escolar
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Percebe-se que a data de nascimento foi rasurada na caderneta escolar do Colégio Jackson de Figueiredo, pois o estudante em questão nasceu em 10 de novembro de 1950, constando no documento estudantil o dia 10 de novembro de 1948 (rasura nos números 48). O motivo, acredita-se, deve-se ao desejo de assistir a certos filmes e a entrada permitida apenas aos maiores de 18 anos.

CURSO CIENTÍFICO

O jovem, aos 18 anos, ingressou no antigo curso Científico, atual ensino médio, no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. À época, o colégio citado era a maior referência do ensino público em Sergipe. Para nele ingressar, era preciso passar pelo crivo de um rigoroso exame de admissão, que exigia de cada candidato extremo empenho e dedicação. Naquele ano, 382 estudantes participaram do exame, porém apenas 35% desse total conseguiram a aprovação na primeira etapa do certame. Existia, ainda, uma segunda fase, que funcionava como uma espécie de repescagem para os estudantes que desejavam ingressar no Atheneu.

Com grande objetivo de ser médico, enfrentou muitas dificuldades, no que se refere à moradia, pois sua família residia em Ribeirópolis. Passou a viver em pensionato, período muito difícil, ainda muito jovem, necessitava de cuidados relacionados, dentre outras coisas, ao vestuário e à alimentação.

Semanalmente, os pais deslocavam-se à capital, para acompanhar o filho, organizar e conferir suas atividades. Levando mantimentos e dinheiro para suas necessidades enquanto estava distan-

te do olhar protetor da família.

Certa vez, morando no pensionato veio passar as férias com a família, trazendo consigo uma mala, com todos os seus pertences. Porém, sentia um peso estranho, que o levava a pensar o que estava pesando tanto, a ponto de quase não conseguir carregar a mala. Ao chegar à residência e desarrumar a mala percebeu que tinha algumas pedras de paralelepípedo dentro da mala, certamente colocadas por seus colegas.

Tempos depois, seu irmão mais velho José Dalécio de Lima, e sua cunhada, Maria Eloina Lima foram morar em Aracaju. Foi quando o jovem estudante foi morar com eles, fato que facilitou sobremaneira a conclusão do curso Científico e a posterior preparação para o primeiro vestibular, prestado em 1973. Neste ano, houve um revés nos planos, pois Dijaume não logrou êxito no primeiro vestibular prestado para o concorrido curso de Medicina. Neste momento, pensou em todo o esforço da família, notadamente do irmão que o acolheu. Um momento de extrema decepção para todos, especialmente para Dijaume. Familiares próximos contam que aos prantos, nosso homenageado jurou que passaria no vestibular seguinte, que já começaria a estudar naquele momento e faria valer todo o esforço para que ele prosseguisse com os estudos e alcançasse a carreira tão almejada.

Diante disso, precisou retornar a Ribeirópolis, estudar em casa, recebendo duras críticas, especialmente da mãe, que tanto se esforçara para que o filho fosse um vencedor e do irmão Dalécio, que o acusava de enfatizar os namoros da juventude, as noites de

boêmia regadas a festas e música, deixando os estudos em segundo plano, como parecia demonstrar o resultado desagradável.

Esqueciam-se todos da dificuldade que era ingressar num curso de elite, para onde migravam as melhores mentes do Estado, disputando vagas escassas. Mas o fato não deixava de revelar um dos maiores prazeres de nossa personagem, que era exatamente a música. Com sua voz suave, cantava em festas, divertia-se, brincava, viajava, namorava e, acompanhando as melodias, divertidas piadas eram contadas, animando os presentes.

O jovem, com muitos sonhos e metas, não perdia oportunidade de viver intensamente, despertando grandes paixões e emoções. Mas ele sabia que a vida é difícil, e nem sempre oferece o que dela se espera, sendo necessário muito esforço para conquistar grandes sonhos. Foi essa visão que o fez, sempre que retornava à realidade, manter o foco nos estudos e buscar incansavelmente, a realização do ingresso universitário.

Sonho e realidade sempre acompanharam Dijaume. O seu senso de responsabilidade sempre o levou a dividir os momentos de sua vida. Haveria um tempo para a música e a boêmia, mas haveria um tempo muito maior em que a realidade sempre nos traz de volta à terra, em que é preciso estudar e trabalhar.



Foto 6: Dijaume Francisco de Lima, de camisa preta, ao seu lado um primo
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

A imagem mostra o jovem divertindo-se com um primo numa festa, em uma de suas viagens realizadas enquanto aguardava um novo vestibular.

Ainda em 1973, foi convidado para participar juntamente com outros jovens do município de Ribeirópolis de uma Homenagem às mães, realizado no Salão Paroquial da Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus. Por ocasião, cantou a música de Agnaldo Timóteo, emocionando a todos, especialmente a sua genitora:

Mamãe Estou Tão Feliz (Mamma)
Agnaldo Timóteo

Mamãe estou tão feliz
Por que voltei pra você
Alguma coisa me diz
Que hoje eu volto a viver
Penso feliz ao seu lado
Viver distante por quê

Mamãe, só pra você eu cantarei agora
Mamãe, a solidão foi para sempre embora
Essas palavras de amor
Que digo nesta canção
Creia, mãezinha querida
Nascem no meu coração

Mamãe, a chama viva que me aquece é você
Toda minha vida
Eu só desejo ao seu lado viver
Sinto tremer sua mão
E a voz cansada falhar
Ao me fazer um carinho, mamãe
Numa canção de ninar
Sua cabeça está branca
Mas há luz em seu olhar
Mamãe, só pra você eu cantarei agora
Mamãe, a solidão foi para sempre embora
Essas palavras de amor
Que digo nesta canção
Creia, mãezinha querida
Nascem no meu coração
Mamãe, a chama viva que me aquece é você
Toda minha vida
Eu só desejo ao seu lado viver

A graça daquele dia ficou registrada, de valor inestimável para sua mãe, Maria Alice de Lima, que sempre guardou o momento inesquecível, cheio de charme, encanto e fascínio, para todos que o vivenciaram, sobretudo para aquela mulher que tanto buscou a escolaridade e a formação de todos os filhos, investindo, esforçando-se a cada dia para vê-los prósperos na vida de modo geral, incentivando-os como podia, acreditando que valeriam a pena todos

os investimentos educacionais.

E o jovem prosseguiu os estudos, em casa, na pequena cidade, pois não havia curso preparatório para vestibular, como ocorre nos dias atuais. Após uma decepção, decidiu que seria vitorioso e que podia e seria médico, e faria todos os esforços valerem a pena.

Em janeiro de 1974, prestou vestibular pela segunda vez pela Universidade Federal de Sergipe. Segue a inscrição da época. Mostrando que a persistência, os objetivos e as metas podem ser alcançados dependendo do valor que se emprega aos acontecimentos.

UFS - CCCV - CONCURSO VESTIBULAR
1974
CARTÃO DE IDENTIDADE - (Modelo nº 3)

Nº DE ORDEM: 0303
CURSO OU CONJUNTO DE CURSOS: 2.1

DIJAUME FRANCISCO DE LIMA
(nome completo do candidato)

DiJaume Francisco de Lima
assinatura do candidato

M. Bandeira
Diretor da D. Á. A.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

COPIE OS DADOS NO TALÃO DE IDENTIFICAÇÃO DA PROVA

Foto 7: cartão do candidato Em janeiro de 1974
Fonte: arquivo pessoal (Derilda Lima)

Na madrugada dos primeiros dias de janeiro de 1974, o então candidato ao curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe, aguarda ansioso o resultado, a lista dos aprovados da Universidade Federal de Sergipe, de todos os cursos. A lista era veiculada pelos serviços radiofônicos. Munido de um pequeno rádio de pilhas, Dijaume ouvia, ansioso, na cama, aguardando a lista dos aprovados em Medicina, na expectativa de que seu nome fosse ditado. O evento era cercado de muita expectativa. Como o rádio era o principal meio de informação, para manter a audiência, sucedia de a divulgação atravessar a alta madrugada, findando no raiar do dia, entre 4 h e 5 h da manhã. Foi só então nesse horário aproximado que o radialista passou a transmitir a leitura dos Aprovados no curso de Medicina de 1974.

Eram 70 vagas disputadas. Na quinquagésima nona, lá estava o nosso herói. Veio a aprovação, o tão esperado nome de Dijaume Francisco de Lima. Foram ouvidos gritos de alegria, de enorme felicidade. Ele se levantou rapidamente, saiu do quarto, no escuro, bateu-se contra a mesa. No caminho, havia um jarro grande, que caiu no chão e quebrou, provocando grande barulho no silêncio da madrugada... e os gritos puderam ser ouvidos aos quatro cantos da pequena cidade:

Passei... passei... Passei... passei... para medicina, graças a Deus! Sou médico!

Todos os familiares levantaram, ninguém conseguia dormir... o pequeno rádio de pilhas foi lançado para fora da residência, o então calouro do curso de Medicina saiu correndo pelas ruas, e, aos

gritos, acordava toda pequena cidade.

Na rua conversou bastante, avisando a todas as pessoas que o encontravam. Logo após foi a Aracaju, sede da Universidade, lá raspavam a sua cabeça, colocaram uma boina com o nome do curso Medicina – UFS. Ao retornar a Ribeirópolis, começou a comemoração, foram mais de três dias de festa, e a música “O pequeno burguês”, de Martinho da Vila, foi entoada como hino de comemoração: cantava, cantava e cantava...

O PEQUENO BURGUÊS

Martinho da Vila

Felicidade, passei no vestibular
Mas a faculdade é particular
Particular, ela é particular
Particular, ela é particular

Livros tão caros, tanta taxa pra pagar
Meu dinheiro muito raro
Alguém teve que emprestar

O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar

Morei no subúrbio, andei de trem atrasado
Do trabalho ia pra aula,
Sem jantar e bem cansado
Mas lá em casa à meia-noite tinha
Sempre a me esperar
Um punhado de problemas e criança pra criar

Para criar, só criança pra criar

Para criar, só criança pra criar

Mas felizmente eu consegui me formar
Mas da minha formatura, não cheguei participar
Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel
Nem o diretor careca entregou o meu papel

O meu papel, meu canudo de papel
O meu papel, meu canudo de papel

E depois de tantos anos
Só decepções, desenganos
Dizem que sou um burguês
Muito privilegiado

Mas burgueses são vocês
Eu não passo de um pobre-coitado
E quem quiser ser como eu
Vai ter é que penar um bocado

Um bom bocado, vai penar um bom bocado
Um bom bocado, vai penar um bom bocado
Um bom bocado, vai penar um bom bocado

O COMEÇO

Para um jovem do interior sergipano, e para qualquer jovem, ingressar na Faculdade de Medicina na Universidade Federal de Sergipe é motivo de alegria para a família e para toda a comunidade. A sua genitora, Maria Alice de Lima, não mediu esforços para que seu filho pudesse ter oportunidade de estudar. Encontrava-se maravilhada, como sempre, disposta a apoiá-lo em todos os desafios, desta vez, na certeza de que o filho seria médico, pois o grande passo havia sido dado.

Iniciando os estudos no segundo semestre, pois, como eram 70 vagas, a turma do primeiro semestre eram os trinta e cinco primeiros colocados. Fazendo parte da turma que começava a estudar no segundo semestre, aproveitou para organizar moradia, morou em república universitária, num período em que a luta e os desafios foram intensos enquanto estudava.

Porém, aproveitava os momentos, de finais de semana e de férias. Nessas ocasiões, trazia seus colegas universitários para festas em sua cidade natal. Na residência, cantavam e aproveitavam. A imagem mostra os jovens divertindo-se numa fazenda nas proximidades do município quando Luiz Gonzaga veio fazer um show.



Foto 8: da direita para esquerda - Bosco França, Dijaume Francisco de Lima, Djenal Lima e Adail Bezerra Barbosa. Fonte: arquivo pessoal (Dr. Adail Bezerra Barbosa)

O jovem estudante de medicina Dijaume ganhou outro apelido na República, pois não gostava de ajudar no serviço doméstico. Os colegas começaram a chamá-lo “ah Bonitinho” e muitos assim o apelidaram. Na República a vida era estudar, comer, bagunçar.

Ao solicitar ao Dr. Adail Bezerra Barbosa, informações sobre o convívio com o jovem em questão, o renomado doutor e colega de turma, descreve:

“A minha amizade com meu querido saudoso colega Dr Dijaume aconteceu no primeiro dia de aula, a gente no instituto de Biologia, esperando as portas abrirem para os alunos entrarem, 35 estudantes de medicina, na segunda turma. Nós ficamos conversando, sem conhecer ninguém ainda, eu, ele, João Bosco França, doutor Luciano Passos, Dr Paulo Tarcísio e teve mais outros dois, ficamos conversando, batendo papo, aguardando as portas abrirem, por coincidência, sentamos próximos um do outro, assim foi o início da nossa amizade. Dali em diante fomos nos conhecendo, ele morava em uma república e eu também, Luciano Passos morava com os pais na Rua de Laranjeiras, Dr João Bosco França morava na Rua

de Capela, Dr Paulo Tarcísio morava perto do Atheneu, fizemos uma amizade muito bonita, a gente começou se entrosar, a estudar juntos as disciplinas a gente fazia questão, no curso básico, de pegar as matérias os mesmos colegas, nasceu essa amizade sadia. E o tempo foi passando, passando, a amizade crescendo, a gente gostava muito de brincar também, como todo jovem da época, de farrear também, mas, não deixava de cumprir jamais as nossas obrigações de estudante, para fazer justiça aos sacrifícios que os nossos pais fizeram para nos sustentar, morando fora do nosso domicílio, eu sou da Região de Telha, ele de Ribeirópolis e, começaram a surgir os convites, para estudar uns na casa dos outros, sempre tinha lanche que os pais de quem morava aqui preparavam para lancharmos meia-noite. Véspera de provas estudávamos muito, muito, muito, estudamos muito, muito... Vencemos na garra, professores rígidos, disciplina ao extremo, para ensinar a arte de curar que foi o que nós decidimos ser na vida. E tinha nossas farras, um belo dia ele me convidou para ir para Ribeirópolis, eu não tinha carro, mas, Dr. João Bosco tinha, fomos no Fusquinha a Ribeirópolis, depois eu ganhei um carro também que papai me deu um presente. Ele, Djenal, e eu, temos uma grande amizade, depois conhecemos a família mais profundamente, família maravilhosa a família do Sr. Durval, uma coisa fora do comum. Lembro que uma certa vez me chamaram para fazer uma viagem com o irmão dele que era caminhoneiro, Derival, para Ponta Porã, eu fui, com “Bonitinho”, nós viajamos juntos Dijaume, Derival que morava em Itabaiana, e eu. Tínhamos essa amizade, brincar, mas, acima de tudo, estudar e conseguimos terminar o nosso curso de medicina, terminando o curso, cada um seguiu seu destino... A amizade continua”.

Certa vez, o “Bonitinho” resolveu fazer um doce de leite, para o doce ficar bom, colocou vinagre 3 vezes, dizendo que era para ficar cheio de bola, o doce então ficou de cor escura, ele não quis saborear, disse que poderia jogar fora, porém, um rapaz que morava na república, de nome Emídio, um português, pediu que deixassem o doce que comeria todinho. Colocaram o doce em um pote, realmente comeu o doce todo.

De personalidade forte, calado, não gostava de conversar,

muito namorador, com histórias incríveis e inusitadas. Foram colegas neste período: Virgílio Fernandes, Dr. Roberto Lima dentre outros.



Foto 9: Colegas da turma de Medicina
Fonte: arquivo pessoal (Dr. Adail Bezerra Barbosa)

Durante os anos em que cursava medicina, precisamente em 1977, já no terceiro ano de estudos, Dijaume Francisco de Lima enfrenta um grande desafio que o fez perder muitas aulas, reduzindo a frequência na universidade. Frequentando o curso esporadicamente, não conseguiu manter a assiduidade, pois a vida o obrigava a trilhar caminhos inesperados nos quais o exercício da Medicina emergia.

Seu irmão Derival Lima viajou de carreta e, em um povoado da cidade de Açailândia, no Maranhão, no dia 30 de agosto de 1977, sofreu um grave acidente. Saíram de Ribeirópolis quatro mo-

toristas, dentre estes, Dijaume, que, neste período, já era referência para os outros irmãos no que se referia à saúde. O grupo viajou aproximadamente três a quatro dias em um Corcel 2 de propriedade de seu irmão mais velho, José Dalécio Lima, em busca do irmão acidentado.

Ao chegar ao local onde estava seu irmão, em um hospital na cidade de Açailândia, no Maranhão, encontrou-o muito inchado, irreconhecível, muito machucado, gaze dentro da perna, dentes aparentemente moles, braço retalhado e traumatismo craniano. Dijaume o acompanhou transferido para a cidade de Imperatriz, ainda no Maranhão.

Quando Derival apresentou o quadro estável, optaram por transferi-lo para outro local onde tivessem melhores condições de cuidados e parentes para apoiá-los, eis que o estudante necessitava tomar importantes decisões, distante dos familiares, dos amigos e do curso tão sonhado. Rio de Janeiro ou Salvador? No Rio de Janeiro podiam contar com um tio materno, mas Salvador tinha a vantagem de ser mais próximo de casa. O jovem optou por Salvador, enfrentando um de seus maiores medos, viajar de avião. Neste período contou com o apoio de Ademar Carvalho e Maria Angélica Garcia Moreno Carvalho, que receberam e acolheram a família, acompanhando-os, motivo pelo qual a família é extremamente grata.

Nesse período, fora necessário deixar a assiduidade na faculdade, pois precisava amparar os familiares. Quando o irmão começou a recuperar-se dos ferimentos, apresentou amnésia, fato que o

fez retornar à sua residência na cidade de Itabaiana Sergipe apenas no mês de novembro. Portanto, o estudante de Medicina foi desafiado a exercer conhecimentos profissionais antes mesmo da conclusão do curso e de sua formatura para subsidiar nos cuidados com o irmão dentro e fora da unidade hospitalar.

Em maio de 1978, momento importante, de magnitude relevante, sua mãe, Maria Alice de Lima, teve um problema de saúde, Policitemia vera. O filho que fazia medicina acompanhou-a ao Rio de Janeiro, lá auxiliou o tratamento e cuidados com a genitora, tornando-se cada vez mais referência para os familiares.

Aproximadamente em 1979, assumiu o namoro com Maria Auxiliadora de Jesus Lima, conhecida como Dôra. Os jovens se conheceram na agência bancária Dantas Freire, onde a moça trabalhava. Dijaume, estudante de medicina, recebia remuneração referente a estágios. Dôra era recepcionista. Assim deram início ao namoro que durou aproximadamente 4 anos.

Durante a Faculdade foi colega de personalidades: Dr. Adail Bezerra Barbosa, Dr. Edvaldo Nogueira, Dr. Vanderbal Marinho, Deputado Federal Dr. Bosco França, Dr Luciano Passos.

Portanto, chega o tão sonhado momento: a conclusão do Curso de Medicina em 1980, Dijaume Francisco de Lima foi diplomado médico pela Universidade Federal de Sergipe, o primeiro médico nascido, criado em Ribeirópolis e formado na renomada universidade. A alegria invadiu a vida dos familiares e amigos e do médico em questão, que amava música e diversão e realizou uma grande festa na residência da família.



Foto 10: O formando está entre os pais, dois irmãos Waltinho e Denis, o primo Roberval (de camisa listrada). Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)



Foto 11: O diploma!
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Como em todas as comemorações a música sempre sobressaía, cantou muito a música “A voz do povo é a voz de Deus”. Trocava algumas palavras das músicas, como no verso “Eu sonhava ser cantor”, o primeiro verso da segunda estrofe, Dijaume cantava “eu sonhava ser doutor”, regada ao som, esperança e alegria, a comemoração seguia, com esta canção:

A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS

Composição: Waldick Soriano

Deixei minha cidade
Tão humilde e pequenina
Pra buscar felicidade
E cumprir a minha sina
Eu sonhava ser cantor
Mas ninguém acreditava em mim
Mas eu tinha o meu valor
Lutei muito e consegui
E agradecido canto assim
A voz do povo é a voz de Deus
Chegou a hora da verdade
Muito obrigado amigos meus
Tudo de bom, felicidade
A voz do povo é a voz de Deus
Chegou a hora da verdade
Muito obrigado amigos meus
Tudo de bom, felicidade
Eu devo a tanta gente
A razão do meu progresso
Hoje estou constantemente
Nas paradas de sucesso
E ao cantar esta canção
Tão sincera que nasceu em mim

É feliz meu coração
Lutei muito e consegui
E agradecido canto assim
A voz do povo é a voz de Deus
Chegou a hora da verdade
Muito obrigado amigos meus
Tudo de bom, felicidade
A voz do povo é a voz de Deus
Chegou a hora da verdade
Muito obrigado amigos meus
Tudo de bom, felicidade

Após diversas experiências, boas e não tão boas, eis que é chegado o momento de comemorar ao lado daqueles que o fizeram crescer em estatura, sabedoria e graça, assim como Jesus cresceu! Orgulho e referência para uma família imensa e inteira, para comunidades, amigos e colegas de estudos e agora seguindo para as atividades laborais, exercício efetivo da Medicina.

A imagem representa muito mais do que palavras possam descrever, pais que lutaram diante de tantas adversidades para formar o filho, o presente veio de Deus. Muitos dos rebentos não prosseguiram com os estudos, porém um deles torna possível o sonho da genitora. Com grande honraria, pôde experimentar o bálsamo sagrado de ter um filho médico.

A fotografia mostra Dijaume Francisco de Lima na formatura do curso de Medicina da Universidade Federal de Sergipe no ano de 1980, acompanhado dos seus ilustres pais, Durval Lima e Maria Alice de Lima.



Foto 12: O formando e os pais!
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Não houve grande festa e comemoração com a turma de formandos, mas, o principal, a Colação de Grau, sempre muito bem acompanhado pela família: pais, irmãos e primos, dentre outros. O médico recém-formado torna-se um ídolo de muitos familiares, referência. Ao visitar Ribeirópolis, fazia questão de visitar a família e subsidiá-los com consultas, orientações, razão pela qual fora endeusado. Lembrando que o início desta admiração e respeito nasceu com a aprovação no curso de medicina, o diploma foi a coroação.

O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

Médico recém-formado, atua no cargo de médico militar, no 28º Batalhão de Caçadores – 28 BC. No Exército, entrou, inicialmente, como aspirante, chegando a ser promovido a tenente. Atuando de 1981 a 1982, respectivamente.



Foto 13: 28º Batalhão de Caçadores – 28 BC
Fonte: arquivo pessoal (Derivalda Lima)

Em busca de novas oportunidades, deixou o 28º Batalhão de Caçadores – 28 BC, como Tenente, em 1982, recebeu esta lembrança guardada pela família com muito carinho, respeito e admiração. Honraria em madeira.



Foto 14: 28º Batalhão de Caçadores – 28 BC – Honraria
Fonte: arquivo pessoal (Derilda Lima)

O CONVITE

Ainda exercendo a função no 28BC recebeu um convite através de um colega para trabalhar no alto sertão na cidade de Uauá, no Estado da Bahia. Após o convite, foi com seu irmão Waltinho conhecer a cidade e a proposta. Ao chegar, constatou a distância e o acesso, pois era quase 230 km de estrada de chão e 50 km de asfalto, o que o fez refletir. Ao conversar com Anita Peixinho, a responsável pela instituição em que iria trabalhar, Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Uauá – APAMIU, uma maternidade, recebeu uma boa proposta, permanecendo assim em Uauá.

O médico tornou-se um “faz tudo” na pequena cidade. Durante nove anos foi muito bem acolhido pela família Peixinho, em especial pela senhora Anita Peixinho, líder política da pequena cidade, voltando a Sergipe no ano seguinte para a cerimônia de casamento.

O rito do matrimônio foi celebrado pelo Padre Inaldo César, na Igreja São Pedro Pescador, Bairro Industrial, capital de Estado, na manhã do dia 05 de fevereiro de 1983. A festa foi realizada durante todo o dia na casa dos pais da noiva, reunindo as duas famílias. Momento de grande realização!



Foto 15: O casamento
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Seis meses depois nasce o primeiro filho do casal, Diego de Jesus Lima. Como os pais residiam em Uauá, na Bahia, a criança nasceu na cidade de Juazeiro – BA. Permanecendo na pequena cidade, nasceram mais dois filhos: Tiago de Jesus Lima e Igor Dijau-

me de Jesus Lima. Os dois últimos filhos já nasceram em Aracaju, pois, ao aproximar-se dos dias do parto, a esposa de Dr. Dijaume deslocava-se para casa da família em Aracaju, para esperar a chegada dos bebês e receber todo o carinho e apoio da mãe e das irmãs.

Uauá tinha base econômica pautada basicamente na criação de caprinos, e era habitada por gente simples e acolhedora. Seus habitantes logo buscaram no médico a força e a confiança para enfrentar os problemas relacionados à saúde. Dijaume logo conquistou a população e tornou-se celebridade, recebendo o honroso título de cidadão uauaense.



Foto 16: título de cidadão uauaense
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Morando em Uauá, o médico demonstrou que gostava de fazer amizades com pessoas de todas as classes sociais, revelando

uma enorme solidariedade especial com os portadores de deficiência mental. A viúva narra que, certa vez, ouviu uma conversa na rua e foi até a porta da residência para observar: o esposo estava conversando com um homem que passava com um sapo enorme na cabeça, enfatizando que ele fazia questão de parar, conversar e brincar com essas pessoas.

Tornou-se diretor da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Uauá. A imagem mostra a inauguração de uma sala na mesma instituição, ao lado de sua esposa Maria Auxiliadora de Jesus Lima.



**Foto 17: inauguração de sala da Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Uauá.
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)**

Para haver festa não precisava haver grandes motivos. Porém, desta vez, a comemoração tinha uma razão de insofismável relevância: as Bodas de Ouro de Durval e Maria Alice, consumada em 11 de maio de 1986. Uma festa que reuniu a família diante da tradição, do amor e da fé. Como o casal admirava sons de orquestra e instrumentos de sopro, foram presenteados pelo filho Djenal Lima, com uma orquestra que os acompanhou da igreja Matriz à residência. O evento constituiu um marco, pois se tratou da primeira festa filmada de Ribeirópolis. A música e a alegria permearam a família naquele momento, no qual o Ouro das Bodas enaltecia a realidade.



**Foto 18: Bodas de Ouro de Durval e Maria Alice, consumada em 11 de maio de 1986.
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)**

A vida do médico foi sempre pautada por acontecimentos extraordinários, seja com uma música envolvente, brincadeiras e piadas, churrasco e/ou familiares que nele depositavam toda confiança.

Ao acompanhar Antônio Lima, casado com sua irmã mais velha, Maria Durvalice Lima, em mais um momento inesquecível, o médico foi submetido a uma enorme provação, ao ouvir o cunhado dizer: “Dedinha, me salve”. Mais tarde, descreveu a um familiar “que momento difícil”, chorou inconformado e disse que se sentiu frustrado, impotente diante da situação, pois o paciente era terminal e nada poderia fazer para salvá-lo.

Porém, para a população da cidade onde exercia o ofício, o médico representava muito, muito mais do que ele supunha. Segundo Denilson Cardoso Peixinho, filho de Anita Peixinho e Agenor Peixinho, “foi uma figura muito importante que esteve à frente da saúde de nossa cidade. Dr. Dijaume Francisco de Lima, bom pai, bom amigo, bom filho, um cara excelente... convivi 10 anos, é difícil falar dele (em lágrimas). Era um homem muito bom, cara humilde, não tinha vaidade, apaixonado pela família: pai, mãe e irmãos, deixou uma semente bem plantada que rendeu muitos frutos, tinha o prazer de estar entre as pessoas mais humildes, não gostava de muito luxo, um cara simples, atendia as pessoas no meio da rua, só nos deixou saudades”.



Foto19: Denilson Cardoso Peixinho
Fonte: Arquivo pessoal (Derialda Lima)

Na cidade que conquistara, em atendimento, esposa orgulhosa sorrindo.



Foto 20: Atendimento médico em Uauá. Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

A população de Uauá tinha verdadeira veneração pelo médico que se envolvia na vida da comunidade, atendia a pacientes na rua, fazia amizades com extrema facilidade. Ainda quando residia em Uauá, foi homenageado, foi construída uma creche no povoado Santana. A razão da ilustre homenagem deveu-se ao fato de o médico estar sempre pronto a deslocar-se ao povoado para atender, lembra o senhor Antenor Peixinho.



**Foto 21: Inauguração da creche no povoado Santana Uauá.
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)**



**Foto 22: Placa dentro da Creche
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)**

O REGRESSO 1991

Os filhos foram crescendo e a pequena cidade não oferecia um ambiente adequado para os estudos, o que fez a família retornar a Sergipe. A esposa retornou primeiro com os filhos, ficando o médico para retornar depois. Vale ressaltar que a comunidade sentiu bastante a saída do querido Dr. Dijaume. Talvez para não disseminar uma despedida triste, nosso personagem escolheu a calada da noite para o regresso, evitando separações difíceis.

Conseguiu transferir o vínculo de médico do Estado da Bahia que exercia em Uauá para uma cidade da Bahia mais próxima de Aracaju. A transferência foi realizada e passou a exercer a função em Paripiranga, Cícero Dantas, Fátima, Adustina, o mais próximo possível de sua nova residência, na capital sergipana.

Ao regressar, acompanhou os últimos dias de sua mãe, o sentimento de perda de uma família com alma dilacerada. Foi justamente neste cenário que precisou se reestruturar profissionalmente, mergulhado no sentimento de angústia, buscando ressignificar no amor e na fé, a tristeza.

Em 1992, retornando do trabalho de uma cidade do interior de Sergipe, Boquim, conduzindo seu veículo e sozinho, sentiu uma dor no abdômen muito forte. Ao chegar em Aracaju, passou imediatamente para conversar com seu irmão, informando que senti-

ra dor insuportável e disse que faria os exames, buscando saber a causa do incômodo. Porém, antes de fazer os exames, a dor voltou mais intensa, levando-o à urgência. Chegando ao hospital, ficou internado para ser examinado, foi submetido a um cateterismo e constataram-se problemas cardiovasculares. De imediato, foi feita a cirurgia, com a colocação de pontes de safena e mamária.

Quando acordou da anestesia, sentiu que algo estava errado, e insistentemente pediu novo cateterismo, pois os colegas achavam que ele estava nervoso, chegando a indicar apoio psicológico. O médico revoltou-se com os colegas, afirmando que a cirurgia não foi exitosa. Dezesete dias depois, foi submetido a uma nova cirurgia, com a mesma equipe.

Ao recuperar-se, a vida voltava ao normal, isso significava dizer que logo teria festa, comemoração, música, piadas, alegrias e sorrisos, contagiando e cuidando de todos. Dias bonitos e de glória eram protagonizados por Dijaume por onde andava, a alegria era sua profunda inspiração.

Amava ressaltar a aparência com o seu pai Durval Lima, quando alguém mencionava as características do pai, nele, via-se nos olhos a felicidade. Cada momento entre os dois era regado a boas gargalhadas e razão para construção de novas anedotas. Muito parecidos, espirituosos, engraçados ao mesmo tempo que pareciam diamantes brutos que precisavam ser lapidados.

Em 1995, acompanhou o cunhado Manoel Aroaldo Lima, que teve problemas de coração. Em poucos dias, com tristeza, recebeu a notícia do falecimento.

No ano de 1997, em momentos de lazer com a família que visitava frequentemente, percebeu que seu irmão José Denis Lima se apresentava abatido.



Foto 23: Denis e Dijaume
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Então o orientou a realizar exames e estes constataram sérios problemas de saúde. O diagnóstico de câncer de estômago redundou na realização de uma cirurgia inexitosa. Mais uma grande perda, pois, aos 42 anos, em 15 de abril de 1997, Denis finalizou sua jornada, deixando uma filha, Maria Luísa Oliveira Lima, com ape-

nas 4 meses de vida. O médico ficou extremamente abalado, triste, pois acompanhou todo o sofrimento do irmão.

Diante deste cenário de dor e perda, percebeu o agravamento do problema de saúde de seu pai, Durval Lima, com atrofia cerebral, levando-o a morte em 17 de abril de 1998. O profissional buscava na profissão ânimo e leveza para contornar dias muito difíceis, levando às localidades onde trabalhava os cuidados com saúde e alegria de todas as formas.

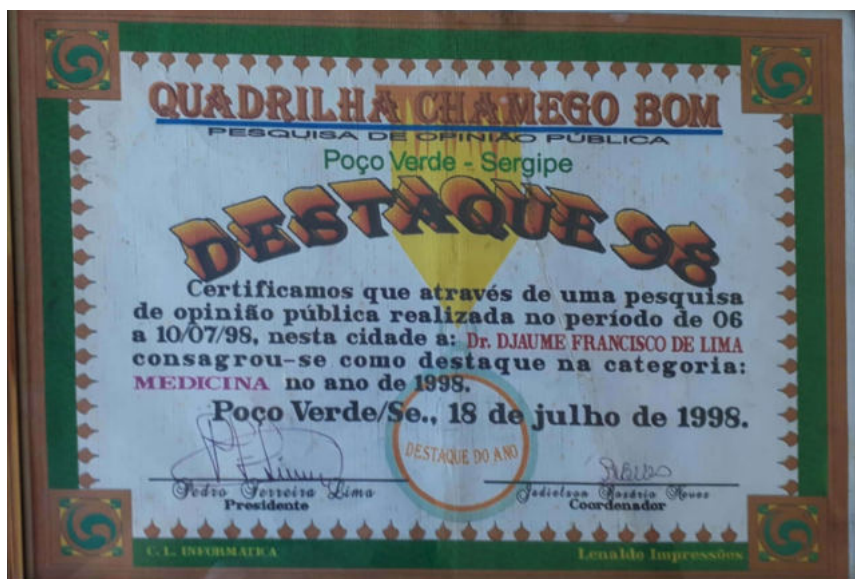


Foto 24: Certificado de Destaque em 1998 – Poço Verde/SE
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Ainda buscando reestruturar-se emocionalmente, mais uma tragédia: dois sobrinhos caminhoneiros, Carlos Alberto Lima e Diógenes Francisco Lima, sofreram um grave acidente automobilístico e tiveram suas vidas ceifadas.

O médico continuou a vida, recompondo-se a duras penas das perdas, enaltecendo a família e exercendo com louvor sua profissão.



Foto 25: Diploma de Consagração Pública - Poço Verde/SE
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

No ano de 2000, ao perceber que poderia apresentar problemas de saúde novamente, deslocou-se a Salvador na Bahia para se submeter a novos exames, procurou um médico amigo cardiologista, Dr. Agenor Ribeiro de Jesus Filho, no Hospital das Clínicas. Foi constatado que precisava fazer novamente a cirurgia cardiovascular. E, mais uma vez, passou por um procedimento cirúrgico.

Logo após a segunda cirurgia do coração completou 50 anos de idade, ainda sem poder comemorar do “jeito Dedinha de ser” regado a música, bebida e alegria, o médico festejou na casa dos

pais, com os irmãos e os familiares mais próximos. E as bodas de ouro foi comemorada na casa onde nasceu e viveu grandes emoções.

Colecionava momentos!



Foto 26: Comemoração - 50 anos de idade
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Vale ressaltar que quando morava na Bahia, vinha de três em três meses visitar a família, quando residia na capital do estado visitava-os de 15 em 15 dias. A terra natal sempre foi um porto seguro de carinho, amor, respeito e motivo de festa.

Quando melhorava, seguia a vida, como uma música que havia sido pausada e, fora apertado o play. Conjugando diversão e conhecimento, sempre buscava se aperfeiçoar, realizando cursos e buscando o aprimoramento intelectual. Um sonhador que nunca deixava a tristeza criar raízes.



Foto 27: O Certificado de Clínica Médica
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Havia uma particularidade no médico. Nos locais onde atuava, realizava todos os procedimentos necessários, mesmo antes de realizar os cursos, ou a residência. Os pacientes e suas necessidades exprimiam a atuação.



Foto 28: Qualificação em Ginecologia obstétrica
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Sendo sempre referência para a família, em 2002 continuou a subsidiar o tratamento de saúde de seu irmão mais velho, José Dalécio de Lima, que lutou contra o câncer de próstata por aproximadamente seis anos, perdendo a batalha em 2007, deixando a esposa, três filhos e 07 netos.

Muitas vezes ou sempre que podia, reunia a família para brindar a vida! Um homem organizado, bem estruturado e referência para todas as pessoas que precisava de seus cuidados. Não resistia à música e à alegria, cantava sempre. Por sinal, um raro momento foi quando cantou essa música e seu sogro, Antônio Barbosa de Jesus, chorou, de maneira marcante, emocionante e envolvente:

CONSELHO AO FILHO ADULTO

Aldemário Coelho - Composição: Sebastião Dias.

Por favor, filho querido, me escute pense bem
Seu velho pai quer lhe dá o valor que você tem
Você está na idade de alcançar a liberdade
De fazer sua vontade e tornar-se homem também
Tem umas coisas meu filho que eu queria lhe dizer
Lhe eduquei como podia, já cumpri com meu dever
Você agora decida, o futuro lhe convida
Eu gerei, Deus deu-lhe a vida, é você quem vai viver
Queira espinho no começo, aguarde flores no fim
Respeite o seu semelhante, siga o bom, deixe o ruim
Por onde você passar, reconheça o seu lugar
Pra ninguém se envergonhar de um filho meu
E nem de mim
Defenda a moral sem sangue, ajude a quem precisar
Quando tiver precisão, peça um pão pra não roubar
Ouçá o velho, ame o menor, pense em Deus
Faça o melhor

Coma e vista do suor que seu rosto derramar
Não queira ouro roubado, nem amor por fantasia
Escolha a mulher sincera para sua companhia
Faça, meu filho, o que eu fiz, veja como eu sou feliz
Só casei com quem eu quis e sua mãe com quem queria
O mundo tem dois caminhos: um é certo, o outro errado
Na escolha de um deles é preciso ter cuidado
Se você não escolheu um deles pra ser o seu
Se quiser seguir o meu o exemplo é o meu passado
Mesmo na maior idade eu quero estar sempre contigo
Lhe ensinando bons caminhos, lhe livrando do perigo
Estando perto ou distante, não lhe deixo um só instante
Porque de agora em diante, além de pai sou amigo
Corra o mundo, faça amigos, conheça o que eu conheci
Transmita o que eu lhe ensinei
Conquiste o que eu consegui
Aproveite a juventude, ame a paz, honre a virtude
Quando quiser quem lhe ajude, seu velho pai está aqui.

Refazia a vida, os planos, as músicas, os momentos!



Foto 29: Dr. Dijaume e os três filhos Thiago, Igor e Diego
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Em Sergipe, trabalhou em várias cidades: Arauá (primeiro trabalho), Boquim, Poço Verde, Simão Dias, Riachão do Dantas, Carira, Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha, Nossa Senhora Aparecida e Ribeirópolis, esses dois últimos locais, foram os últimos locais a exercer a profissão.

É importante ressaltar que Dijaume nasceu e cresceu em Ribeirópolis, foi embora cedo para estudar, porém, manteve o vínculo com os conterrâneos e a cidade natal. Atendia a quem o procurava em qualquer horário na residência da família, participando assiduamente das festas, especialmente da festa do Santo Padroeiro Sagrado Coração de Jesus e da festa de Reis, com muita alegria, risos, piadas e músicas, fã de música nordestina, especialmente Luiz Gonzaga.

Teve o mesmo sonho de sua mãe, o de “ver os filhos formados”, e seguindo a sua profissão. Foi um pai um pouco distante, viajava muito, porém, muito presente na educação dos filhos. Estes, até os 18 anos, obedeciam e saíam sempre juntos. O estresse do dia a dia muitas vezes o fazia inconsequente, sendo o amor, a família e a medicina o maior motivo de grandes emoções por toda a vida.

A sociedade brasileira, baiana, sergipana e ribeiriopolitana teve um excelente profissional, no período em que o Brasil passava por importantes mudanças na área de saúde pública e na educação, em que nasciam as universidades, muitos jovens com o desejo de ingressar no ensino superior, e foi exatamente neste cenário que o jovem entra na Universidade Federal de Sergipe e forma-se o primeiro médico nascido e criado na cidade de Ribeirópolis.

Dr Dijaume Francisco de Lima foi resiliente diante de grandes desafios e adversidades, atuou 27 anos, sendo 10 destes na Bahia e 17 no estado de Sergipe. Fez feliz quem o rodeava, teve uma família exemplar, com problemas e sucessos como tantas, atuou em prol dos menos favorecidos, aproximava-se daqueles que muitos não os queriam por perto, e, assim, fez e foi feliz.

A AVARIA

Em um certo momento, começou a perceber a saúde debilitada, sentiu dores no quadril e na perna, fez exames preliminares, permaneceu sentindo dores fortes, ainda hospitalizado, fez uma ressonância magnética. Teve pela frente um diagnóstico preocupante, a necessidade de fazer uma cirurgia urgente. Após o procedimento cirúrgico, alguns dias depois voltou a sentir dores, fez mais uma cirurgia e logo após apresentou complicações que causaram infecção generalizada, e o Dr. Dijaume Francisco de Lima não resistiu, fazendo sua páscoa derradeira na tarde do dia 26 de setembro de 2008.

A Família Lima fica sem um de seus maiores heróis!

A referência na saúde, o amor de esposo, pai, filho e irmão, tio, primo e amigo. A medicina perde um profissional exemplar, deixando marcas profundas por todas as comunidades em que atuava.

Um homem, uma história, desilusões e paixões!

Parabéns Senhora Maria Alice e Durval Lima...

Dr. Dijaume, gratidão pela história, pelo compartilhamento, pelas perdas e conquistas, pelas festas, pelos choros e sorrisos, pelos pacientes curados e salvos, pela esposa, pelos filhos, pelas netas, pelos pais, irmãos, amigos. Por tantas músicas e gargalhadas,

pelas dores aliviadas, pelas crianças que por suas mãos viram a luz do mundo pela primeira vez, pelas curas... pela vida!

Junto a Deus, o médico dos médicos, intercede pela humanidade!

A ti agora e sempre, Gratidão!

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Em agosto de 2010, a primeira homenagem, grande e merecida homenagem, na administração da prefeita da época, Evanira do Nascimento Barreto, foi inaugurada a 37ª Clínica de Saúde, neste município, informando que decidiu homenageá-lo, devido a atuação como profissional, por ser filho de Ribeirópolis, que teve o mundo para escolher, estudou e regressou a terra natal, oferecendo exercício de qualidade da medicina, grande exemplo a ser seguido, amado por todos os colegas de trabalho, competência e profissionalismo são sinônimos do Dr. Dijaume, segundo a ex prefeita e colegas de trabalho.



Foto 30: Prefeita da época, Evanira do Nascimento Barreto, Belivaldo Chagas, Maria Auxiliadora de Jesus (Viúva), autoridades e funcionários da época. Fonte: arquivo pessoal (Derilda Lima)

O então vice-governador do Estado, na época, Belivaldo Chagas, esteve no município de Ribeirópolis para inaugurar mais dois grandes investimentos do Governo do Estado em benefício do agreste sergipano, dentre estes a Clínica de Saúde da Família Doutor Dijaume Francisco de Lima ‘Dedinha’. Com estrutura para comportar quatro equipes do Programa de Saúde da Família (PSF) e ainda funcionar 24 horas, a unidade foi concebida a partir da reforma e ampliação do antigo Hospital de Pequeno Porte (HPP) da cidade.

Na ocasião, Belivaldo Chagas informou que esta é a 37ª clínica entregue pelo Governo do Estado e a 5ª com estrutura para funcionar 24 horas. A nova estrutura agregará serviços, já que o atendimento de urgência continuará sendo feito e a Clínica também prestará assistência ambulatorial através das equipes de PSF. Além disso, serão mantidos os serviços de fisioterapia, ortopedia e obstetrícia, com a realização de partos normais e cirúrgicos. A nova CSF foi construída através de um investimento de R\$ 950 mil em recursos do Estado, sendo R\$ 800 mil destinados à obra e R\$ 150 mil à aquisição de equipamentos.

A Clínica de Saúde de Ribeirópolis, recebe o nome “Dr Dijaume Francisco de Lima - Dedinha”. Imagens frontais da clínica situada na Rua Antônio Mendonça, neste município. Imagens atuais.



Foto 31 e 32: Clínica de Saúde de Ribeirópolis, recebe o nome “Dr Dijaume Francisco de Lima - Dedinha”. Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Lei nº 581/2010 que dispõe sobre a denominação da Clínica de Saúde da Família na sede do município de Ribeirópolis/SE.



Estado de Sergipe
Prefeitura Municipal de Ribeirópolis

Prefeitura Municipal de Ribeirópolis - SE

Sanciona a Lei nº 581/2010, em

11 de Agosto de 2010

Evanira do Nascimento Barreto

Evanira do Nascimento Barreto
Prefeita Municipal

LEI Nº 581/2010
DE 11 DE AGOSTO DE 2010

DISPÕE SOBRE A DENOMINAÇÃO DA CLÍNICA DE SAÚDE DA FAMÍLIA NA SEDE DO MUNICÍPIO DE RIBEIRÓPOLIS E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

EU A PREFEITA MUNICIPAL DE RIBEIRÓPOLIS, ESTADO DE SERGIPE:

CONSIDERANDO: Os relevantes serviços prestados a esta comunidade pelo Médico Generalista, Dr. Dijaume Francisco de Lima, cidadão Ribeiropolense, carinhosamente reconhecido como "DEDINHA".

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º -A sede da Clínica de Saúde da Família, terá a seguinte denominação: CLÍNICA DE SAÚDE DA FAMÍLIA- Dr. DIJAUME FRANCISCO DE LIMA - "DEDINHA".

Art. 2º - Fica a Chefe do Poder Executivo Municipal autorizada a confeccionar placa indicativa da referida Clínica.

Art. 3º - Fica a Chefe do Poder Executivo autorizada a enviar ofício para todos os órgãos e entidades competentes informando a cerca da denominação citada no art. 1º.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 5º - Ficam revogadas as disposições em contrário.

Evanira do Nascimento Barreto
Evanira do Nascimento Barreto
Prefeita Municipal



Fotos 34, 35, 36 e 37: imagens das placas no interior da instituição de saúde.
Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

Ao final de 2012, outro momento especial na vida da família, Geraldo Majella criou o Parque das Palmeiras - Haras Fábio José - HFJ, um dos maiores complexos equestres do país, onde se desenvolvem eventos equestres e de agronegócio, localizado na cidade de Lagarto, no estado de Sergipe.

Conhecido como a Disneylândia das vaquejadas, tendo como coordenador Thiago de Jesus Lima, filho de Dr. Dijaume, o empresário Geraldo Majella homenageou o médico, colocando seu nome no ambulatório do Parque das Palmeiras.



Foto 38: Imagem do Parque das Palmeiras, na cidade de Lagarto, Sergipe
Fonte: arquivo pessoal (Derilda Lima)



Foto 39: O Jaleco
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

“Falar de Dijaume é fácil para mim. Minhas palavras são breves comparadas a tudo que ele representou e representa para mim e para nossos filhos. Homem honesto, viveu para o estudo e para o trabalho. Por conta da rotina, vivia um tanto ausente da sua família. A ausência, contudo, nunca o impediu de ser um pai amoroso e dedicado à família. Estava sempre empenhado em nos proporcionar uma vida digna e confortável, sempre acompanhou o estudo e a educação dos filhos e, por isso, constantemente sou invadida por memórias dos momentos lindos que vivemos e conquistamos lado a lado, ao longo de vinte e cinco anos. Nosso lar foi abrigo de amor

e de respeito. Fomos felizes, mas a lei da vida nos separou. Prematuramente, foi embora tão cedo, deixando seu jaleco esquecido, porém mantendo sua vela acesa. Queria que ele estivesse aqui para aplaudir seus filhos e se emocionar diariamente pelos homens em que se transformaram. Diego e Igor seguiram a mesma trilha do pai e enveredaram pela arte tão linda da Medicina. Thiago mostrou-se um competente, comprometido e dedicado administrador-fazendeiro, traço do honrado ofício de seus avós. Estaremos honrando sempre o nome de Dr. Dijaume, continuando seu legado intenso e inspirador. Jamais deixarei de amá-lo. Para sempre recordarei todos os dias da nossa história e agradecerei por me fazer tão feliz”.

Maria Auxiliadora de Jesus Lima (esposa)



Foto 40: Diego de Jesus Lima.
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Diego de Jesus Lima, primeiro filho, casado com Mariana dos Santos Pereira Lima, pai de Ísis Pereira Lima, segue o exemplo e a carreira do pai.

“Dr. Dijaume Francisco de Lima, meu exemplo como pai, como médico e como homem. Quando eu era criança ele me levava aos hospitais para me mostrar um pouco da sua profissão e naquela época já aprendi a gostar da Medicina. Era um homem de personalidade forte, trabalhador e contador de histórias engraçadas e curiosas. Histórias que ele ouvia ou vivenciava nas cidades por onde passava, trabalhando, e sua alegria era compartilhar com nossa família. Sempre teve muito orgulho da cidade em que nasceu, Ribeirópolis, e tinha prazer em passear e trabalhar nesta cidade. Hoje como filho e como médico eu só tenho a agradecer pelo pai e exemplo que ele foi para mim, e levo comigo todos os ensinamentos que ele me passou. Morei em muitos estados e cidades em busca do sonho de me tornar médico e sempre levei comigo suas palavras e seu caráter. Hoje só tenho a agradecer pelo pai e homem batalhador que foi”.

Diego de Jesus Lima

Thiago de Jesus Lima, o segundo filho, casado com Luana Prata Monteiro, pai de Maria Helena Monteiro de Jesus Lima, segue os ensinamentos, carisma e originalidade do pai.



Foto 41: Thiago de Jesus Lima
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

“Meu pai, Dr. Dijaume, “Dedinha” para aqueles que o conheciam na intimidade, pessoa honesta que dedicou a sua vida à medicina e à família, essa é a primeira e real tradução do que meu pai representou e representa para nós. Sempre alegre, gostava de ter os filhos e os amigos por perto nos momentos de folga, que unanimemente eram festivos. Meu pai era apaixonado pela sua terra natal, Ribeirópolis, onde gostava de rever os amigos nas tradicionais festas da cidade. Sua vida na medicina trilhou caminhos de muita

amizade e compaixão ao próximo, não media esforços para ajudar aos que dele se aproximavam, independente de horário, classe social, cor. Quando requisitado, o Dr. Dijaume estava sempre disposto a usar o seu dom em benefício do semelhante. Infelizmente essa chama se apagou, e meu pai partiu para alegrar o céu, deixando o seu legado na terra como um homem que enquanto viveu não media esforços para ajudar ao próximo. Sua missão nessa existência foi cumprida, deixou em cada um de nós, esposa, filhos, familiares e amigos, a semente do bem, e o orgulho de um dia ter vivido intensamente ao seu lado. Estará para sempre em nossos corações, e faz parte da minha memória viva toda vez que ouço a minha filha, que mesmo sem tê-lo conhecido, o menciona como “vovô Dijaume”.

Thiago de Jesus Lima



Foto 42: Igor Dijaume de Jesus Lima
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

Igor Dijaume de Jesus Lima, o filho caçula que carrega o nome “Dijaume” honra o exemplo e a carreira do pai.

“Saudades do meu pai que foi e sempre será a inspiração da minha vida. Um homem honesto, trabalhador, humilde, que exercia sua profissão como poucos, sempre ajudando os mais necessitados. Tinha muitos amigos e nenhum inimigo. Lembro-me do seu enorme amor por sua cidade natal, Ribeirópolis, que mesmo morando longe sempre visitava, rodeado de familiares e amigos. Esse era meu pai! Levo comigo seus ensinamentos e tento ser pelo menos metade do que ele foi, o que já seria uma grande vitória”.

Saudades do seu filho,

Igor Dijaume de Jesus Lima

QUEM O CONHECEU...

“Dr Dijaume foi uma pessoa muito especial, bom patrão, respeitoso, alegre, brincalhão. Tinha a maior admiração, quando faleceu, perdi uma pessoa da minha família, hoje a falta dele... ficou entre nós”.

Raimunda (funcionária)

“Ah, Dijaume Francisco de Lima! O querido tio Dedinha! Homem íntegro! Médico, pai, filho, tio, irmão, amigo muito honrado! Meu tio carregava consigo, uma alegria nata! Estava sempre disposto a servir! Querido e admirado por todos aqueles que, tiveram o privilégio de tê-lo conhecido. Lembro-me de tio Dedinha, sempre sorrindo, sim, a alegria era intrínseca a ele! Hoje podemos dizer que, o seu legado sem dúvidas, se perpetua por muitas gerações! E nós, sempre que lembrarmos, saudade e orgulho, imensuráveis!”

Maria Luísa Oliveira Lima (sobrinha)

“Meu amigo, meu colega de colégio, estudamos no Grupo Escolar Rural Abdias Bezerra, em Ribeirópolis, a primeira e a segunda série, ele continuou em Ribeirópolis, eu fui morar em Aracaju, um ano depois, ele foi também estudar no mesmo colégio que eu estudava em Aracaju, o Colégio Jackson de Figueiredo, concluímos o ensino fundamental. Como pessoa sempre foi um bom colega, um bom amigo, sempre tivemos um bom relacionamento. Tenho certeza de que a Sociedade sergipana perdeu um grande médico,

tenho certeza de que ele estava fazendo um bom trabalho nessa área, ele seguiu para Medicina e eu segui para o ramo do Direito. Quando ele passou no vestibular eu também passei para direito e frequentamos faculdades diferentes, mas, na mesma Universidade, me formei na Universidade Federal de Sergipe como ele também, naquela época o curso de Direito em Sergipe tínhamos na Universidade Federal como também na Universidade Tiradentes que estava começando, fundou o curso superior em Direito, Economia e Ciências Contábeis. Tivemos algumas brincadeiras de criança e fora disso sempre com harmonia, ele gostava dos bailes eu também gostava, frequentávamos os clubes em Aracaju, tivemos uma convivência também na cidade de Ribeirópolis, era uma pessoa alegre, satisfeita, da mesma forma que o Antônio Passos”.

Antônio Passos Sobrinho (colega, conterrâneo, amigo)

“Para mim orgulho, carinho o mesmo que ele sentia com todos nós”.

Marcos Antônio Lima (sobrinho)

“Dijaume Francisco de Lima, foi o “Dedinha”, Figura icônica de nossa família. Homem trabalhador, honesto, de caráter, que gostava e se sentia bem ao redor de sua família e de seus amigos! Recebia todos em sua casa sempre com simpatia, com seu jeito bem-humorado! Partiu cedo para outra jornada, mas deixou sua marca e saudade nos que compartilharam do seu convívio”!

Fábio (sobrinho)

“Dr Dijaume, tio Dedinha, o meu coração sente falta do amor, dedicação, carinho como só ele sabia fazer, de forma silenciosa, prestativa, fez a contribuição para o universo. Acredito plenamente onde estiver, todos que estiverem juntos tem um grande privilégio de rir com a alegria contagiante, conselheiro, lembro perfeitamente as palavras sábias que me falou e que me ensinou, que hoje a certeza está nas palavras dele e é um rei real”.

Lucinha (sobrinha)

“Pessoa alegre, contador de histórias engraçadas, exercia com cidadania sua função de médico. O tio Dedinha da galera”.

Derival Lima Filho (sobrinho)

“Ele foi e sempre será uma pessoa muito importante na minha vida, por ser meu tio, por ser um médico competente, de responsabilidade, um homem de bem, caráter, personalidade, honesto, de perfil perfeito! Ele é uma pessoa muito importante na minha vida”!

Elia (sobrinha)

“Temos grande admiração pelo médico e tio que tivemos... Inspiramo-nos na sua dedicação com seus familiares e pacientes, na sua humildade e alegria de viver... Hoje temos muito orgulho de seguirmos a mesma profissão e trabalhamos no lugar que leva seu nome como homenagem na nossa cidade, a Clínica de Saúde Dijaume Francisco de Lima”.

Dr. Marcel e Dra. Monallisa (sobrinhos netos)

“Conheci o Dr Dijaume Francisco de Lima quando minha irmã Eloina namorava com o irmão dele, Dalécio, desde que era estudante morou na casa de minha irmã, e nasceu a nossa amizade.

Sempre foi meu amigo, quando fui diretor do Hospital Regional de Nossa Senhora da Glória ele já estava trabalhando em Sergipe, convidei-o para trabalhar no hospital que gerenciava e pude comprovar sua competência como médico, o verdadeiro perfil de médico brasileiro, é o tipo de médico que o Brasil precisava naquele momento e que precisa até hoje. Atendia às necessidades dos doentes e resolvia as dificuldades, um médico importantíssimo para o hospital se chegasse um paciente com problema respiratório, ele o ajudava, se era uma mulher em trabalho de parto, ele o fazia, se fosse um problema cardiológico, resolvia. E o mais importante com competência, carinho e respeito pelos pacientes. Eu o admirava profundamente, grande profissional pena que nos deixou cedo”.

José Elon Oliveira (amigo)



Foto 43: Dr Dijaume com a família e amigos em sua residência
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

“Muitos lembrarão de Dijaume Francisco de Lima pela veia cômica que sempre animava os presentes, notadamente durante as festas que aconteciam em Ribeirópolis, dias nos quais a casa de nossa Tia Maria ficava repleta de convidados. Meu tio era um homem com muitos amigos e seu espírito cômico fazia dele um ímã atraindo personalidades as mais distintas. Até os loucos de todo gênero gostavam de sua companhia. Quebrei a lógica das narrativas jocosas. Certamente, a maioria lembrará das piadas do médico farrista. Falarei, porém, de um dia tranquilo e reflexivo, em que, do pátio da residência onde foi criado, meu tio observava sério a rua vazia e silenciosa. A festa já tinha acabado e quase todos já voltavam para suas casas. Como aquele silêncio contemplativo destoava um pouco da ordem natural das coisas, eu me aproximei. Ele me contou uma piada, eu sorri e ele disse: “Eu sou um palhaço, né? Faça os outros rirem. Já estou nos meus últimos dias e tenho de aproveitar com felicidade o que resta. Logo, eu serei um palhaço triste. Tenho mais alguns meses. Júnior, viva bem a sua vida e faça com que as pessoas também deem risadas com você!”. A consciência singular da nossa efemeridade e a necessidade de fazer cada minuto da existência valer a pena. Embutida na fala, a máxima de que sorrir é preciso, ainda que, por dentro, a tristeza sobressaia. Nenhum palhaço estará sempre feliz, mas sua grande virtude consiste em transmitir aos outros a felicidade que muitas vezes não traz consigo. Dr. Dijaume nunca permitiu que a tristeza prosperasse entre aqueles que estavam ao seu redor”.

Antônio Wellington Brito Júnior (sobrinho)

“Dr. Dijaume foi uma pessoa muito presente em nossas vidas. Cuidou de Mãe nos seus últimos meses de vida. Foi presente em todos os momentos, não tinha hora para não atender o nosso Chamado. No Hospital São Lucas visitou várias vezes, na UTI, e nos transmitia notícias antes mesmo do boletim sair. Portanto, foi muito presente naquele momento tão difícil. Só temos boas lembranças de sua acolhida como médico e como amigo da família. Foi uma grande perda para todos nós. Que o Senhor o tenha recebido na Pátria Celestial. Só temos que agradecer pelos grandes favores recebidos. Que o Bom Deus dê a recompensa eterna. Parabéns a vocês todos da Família Lima por terem possuído uma pessoa tão humana, simples e também humilde. Não deixou nada a desejar”.

Josefa Rabêlo, Paripiranga-BA



Foto 44: Na casa da praia
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

“Falar em Dr Dijaume Francisco de Lima é uma alegria muito grande o nosso querido e o popular Dedinha, quando me convidava para ir à casa na praia, levava meu acordeon, sou musicista. E lá ele cantarolava comigo, acompanhava-o com minha acordeon “deixei meu querido Ribeirópolis, tão humilde pequenino, para buscar a felicidade e cumprir a minha sina, eu sonhava em ser doutor, mas, ninguém acreditava em mim, mas eu tinha o meu valor, lutei muito e consegui e por isso eu canto assim” ele cantava muito lindo aquela voz suave, aquele sorriso, aquela simplicidade. Gostava da pobreza e trabalhava por amor, muito amado e querido por todos nós. Com certeza está com Jesus, Deus te abençoe e te ilumine mais e mais!”

Geruza (amiga)

“Falar em nosso amigo Dr Dijaume, grande amigo, meu amigo-irmão, foi meu padrinho de casamento, convivemos muito em Aracaju, ele na faculdade e eu trabalhando no banco, nos encontrávamos sempre, curtíamos o carnaval em Tobias Barreto, era uma vida bonita, um grande amigo que Deus levou, nossa vida foi como irmão. De repente eu, em Euclides da Cunha na casa de minha mãe, me encontro com ele e, perguntei o que ele estava fazendo ali, disse que estava trabalhando em Uauá, na maternidade da Anita. Me convidou ir para Uauá, para a gente ficar junto e nesse junto curtimos muito a nossa vida... na maior felicidade do mundo, curtimos na cidade, nos povoados, passeamos tomamos aquela bela geladinha com muita alegria, a família dele vinha para cá passear ficava aqui em casa, depois família veio para morar em Uauá. Os filhos foram nascendo, e a vida se desenvolvendo. Chegou o mo-



Foto 45: Lindemberg Góis (amigo).
Fonte: arquivo pessoal (Derivalda Lima)

mento de retornar a Aracaju, e todo final de semana que eu ia a casa de praia dele, levava o sanfoneiro, doce de coco, carneiro para curtimos a vontade a vida. Gostava de cuidar do jardim da casa de praia, feliz... Após a notícia da partida, até hoje convivo com toda a família dele, com os filhos, médicos... Tive uma vida muito feliz ao lado dele, Dr Dijaume um amigo, um irmão, maravilhoso, alegre e solidário, competente, porém a vida é uma passagem...

Lindemberg Góis (amigo)

“Excelente médico, fazia de tudo, mesmo sem fazer residência, cirurgias, parto e outros! Pessoa de bom coração”.

Maria Eloína Lima (cunhada)



Foto 46: Walter Franco do Prado, José Dalécio e Dijaume Lima (in-memoriam)
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

“Tio Dedinha era minha referência, minha confiança. Sentia-me segura porque ele era o médico que sabia de tudo. Comigo nunca errou no diagnóstico, quero muito bem”.

Eloísa Maria Lima Prado (sobrinha)

“Tio Dedinha foi um homem muito alegre, festeiro e prestativo, ajudou muito aos menos favorecidos em Uauá, lembro muito de uma festa que fomos em Uauá, a família inteira, muito bom! Sempre atendeu-me quando solicitei sua atenção. Recordo também quando o acompanhei com Waltinho e Dôra a Salvador, quando foi fazer a segunda cirurgia e, do dia em que ele faleceu, eu estava com ele juntamente com outros parentes. O médico anestesista

e meu amigo pessoal, Geraldo Melo, me passou a situação e disse que dificilmente sobreviveria, ao terminar a cirurgia precisou de uma UTI, morreu dentro da ambulância, ao lado do São Lucas”.

Denisson Lima (sobrinho)



Foto 47: Dormelice Lima e Dr. Dijaume. Fonte: arquivo pessoal (Derialda Lima)

“Estas palavras que homenageio o grande ser humano, o grande médico, o grande irmão que você foi, são apenas agradecimentos de união e mútua proteção, somos sangue do mesmo sangue. A saudade invade meu coração e aumenta a cada dia. Nunca esquecerei sua alegria de viver, seus bons sentimentos e seus valores nobres. Não apenas porque foi um orgulho ser sua irmã, mas, continuarei carregando você comigo no meu coração por todos os dias”.

Dormelice Lima



Foto 48: Maria José de Jesus (in-memorian), Derivanda, Wagner e Dijaume Lima
Fonte: arquivo pessoal (Derivalda Lima)

“Dijaume Francisco de Lima, Tio Dedinha, era um tio que para mim não tem outro igual. Era o tio que nos dias mais obscuros em minha casa, chegava para clarear: com uma palavra ou uma atitude. Chegava com aquela alegria tão grande, com as soluções de alguns problemas, principalmente, na época do acidente ocorrido com meu irmão Vaguinho. Tio Dedinha nos deu a mão, ensinou a lidar com o problema de meu irmão. E por mais que ele estivesse distante da gente, eu ligava buscando orientação sobre medicamentos e ele nos atendia prontamente, conhecia o problema de Vaguinho. Nas horas que mais precisei dele, para socorrer Vaguinho, ele esteve presente, com conhecimento e profissionalismo. Era um médico exemplar e amava muito sua profissão. Amava Ribeirópolis, amava a família, os irmãos, os sobrinhos. Era um comediante, uma pessoa que gostava de rir, de viver. E tinha um so-

no: trabalhar no Hospital de Ribeirópolis e conseguiu por pouco tempo, na época que os serviços do hospital foram terceirizados. O sorriso dele era estampado no rosto ao atender, ao servir o povo de Ribeirópolis. Tinha vontade de ser político, gostava de bater papo sobre política, mas não conseguiu ingressar no mundo político. Ouço histórias sobre ele, de alguém que ele consultou, medicou e deixou as lembranças do ser humano que era, do irmão, do tio. Para mim jamais será esquecido, servia a todos! Ribeirópolis era sagrado para ele. Sempre visitava a cidade nos finais de semana”.

Dayse Lima (sobrinha)

“Dijaume Francisco de Lima - O que falar?

Como filho era muito amado, e orgulho para seus pais. Como irmão, exemplo de orgulho pela vitória conquistada, querido e amado por todos. Como tio, foi exemplo que com estudo, disciplina e garra na formação das futuras gerações; como sobrinhos e filhos. Como amigo conquistou vários amigos, não só os da época de adolescente e de faculdade, mas também os mais engraçados e curiosos amigos durante sua vida. No convívio com sua família era aquele que tinha “causos” engraçados para contar, histórias para relatar e alegrar a todos com sua voz, com as suas músicas preferidas. Como médico Dr. Dijaume ou Dr. Dedinha conquistou inúmeros pacientes. Era exemplo de ser humano que se confundia com o médico. Pois era a mesma pessoa, simples, carismática, amiga e querido por todos”.

Jussara Santos Lima (cunhada)

*Todos os dias agradecemos a Deus a família que nos conce-
deu, na qual juntos éramos plateia e show! Uma homenagem
aquele que temos o prazer de chamá-lo de irmão,*

Dedinha!



“Eu, Maria, nasci pouco antes dele, descobrimos juntos o mundo, mas com a responsabilidade de irmã mais velha, dei-lhe afeto, carinho e apoio, por toda sua vida. Quando ainda muito jovem nos deixou para ir em busca dos seus sonhos. Acompanhei sua trajetória em época difícil, curso superior era luxo de poucos, raros eram os que alcançavam tamanho êxito, compartilhei de sua alegria, aplaudindo de pé, sua Vitória:

Ser médico”!

“Eu, Derialda, ainda criança, a caçula de 13 filhos, o que fez com que tivesse pouco convívio com meus irmãos mais velhos que se deslocavam cedo à capital para continuação dos estudos, época em que o ensino ainda era escasso no interior. Nas mais antigas das minhas lembranças, algo brilhante ficará eternamente gravado na minha memória e no meu coração e mesmo não entendendo o quão grande significado teria aquele evento do qual todos festejavam com tanta alegria, pressentia apenas que era algo grandioso.

“Sim, era o ingresso do meu irmão, Dijaume Francisco de Lima no curso de medicina na Universidade Federal de Sergipe”.

...Uma jornada árdua, pois, mesmo sem anel e sem diploma, com toda a batalha da faculdade pela frente, já assumira a enorme responsabilidade para com a saúde da família, dos conterrâneos e das amizades construídas passo a passo em sua missão. Chegado o grande dia, oficialmente médico e ali conquistava sua primeira medalha, deixando de ser “O Pequeno Buguês” e passando a ser “Nosso Grande Doutor” popular e generoso, de espírito jovem, fez do seu trabalho seu lazer, com suas brincadeiras um tanto quanto maldosas, alegrava e contagiava-nos, repartimos também momentos tristes de perdas dolorosas. De forma surpreendente, nos deixou desesperados e desamparados para morar com Deus. Não ouvimos, mais seu cantar, porém gratos pela sua existência e seu legado! De voz bela e afinada, cantou sua vida, é com essa canção que concluímos...

Gostava tanto de você
Tim Maia

Não sei porque você se foi
Quantas saudades eu senti
E de tristezas vou viver
E aquele adeus, não pude dar
Você marcou em minha vida
Viveu, morreu na minha história...
Obrigada Mano, Derialda Lima!

“Falar de Dr Dijaume (vulgo tio Dedinha) é muito fácil e difícil ao mesmo tempo pois, sua partida foi um acontecimento que nos deixou muitas feridas... Homem simples, humilde que conquistou seu sonho de ser médico e de toda uma família através de muitos esforços e dedicação nomeado por Deus para o cargo de “médico da família” o fez com muito mérito e louvor. O escolhi como inspiração por seu caráter, humildade, profissionalismo, e acima de tudo amor à família. Não teve tempo de colher os frutos que conquistou com seu trabalho nem de ver seu sonho se perpetuar entre seus filhos, mas tenho certeza de que onde estiver estava ouvindo Luiz Gonzaga, tomando um vinhozinho e contando muitas piadas. Cabe a nós buscarmos na fé e na vontade de seguir um motivo para continuar nossa caminhada”.

Ceição (sobrinha)



**Foto 50: Paulo (sobrinho), Paula, Dr Dijaume, a esposa Dôra
Fonte: arquivo pessoal (Derilda Lima)**

“Quanta saudade do nosso querido e eterno tio Dedinha; suas histórias alegres ao chegar de cada plantão que sempre foram assunto principal nas horas vagas, seus diagnósticos e remédios que nunca falhavam e eram tire-queda para qualquer dor, além das piadas e anedotas que também serviam de remédio por nos tirar vários sorrisos. As lembranças dos domingos estão vivas até hoje, pois era o dia que ele tirava para “tomar umas” na casa da praia, e as 6:00 horas da manhã ele já estava na porta de casa chamando “Paulinho cara de boteco” (apelido colocado por ele), para ir à feira, pois com ele o negócio era logo cedo e sem atraso; passávamos o dia inteiro lá, na tão adorada casa, onde ele fez tudo com muito amor e dedicação, dizendo de boca cheia que era o melhor lugar que ele achava, onde ele pedia para colocar suas músicas preferi-

das, e onde rolou muitas farras, sanfona, histórias e encontros; mas para o domingo ficar completo mesmo, na hora de vim embora, tinha uma parada obrigatória na Orla, de preferência no bar Cariri ou no bar Estação Verão para tomar a saideira, e se soubéssemos que seria tudo tão passageiro, teríamos aproveitado ainda mais. No lado profissional, nunca mediu esforços para exercer a medicina, sempre com muita sabedoria e responsabilidade. Apesar de sua preferência incessantemente ter sido exercer sua profissão na nossa cidade Ribeirópolis, ele construiu uma bagagem no sertão da Bahia, onde uma vez com toda sua atenção, ele junto ao amigo Dr. Geno, fez um atendimento de urgência em minha esposa, e sempre foi assim com qualquer um que precisasse de seus cuidados. E é com essas e outras histórias, que carregaremos eternamente conosco a boa lembrança da sua passagem em nossas vidas, com a certeza de que ele estará sempre em nossos corações”.

Paulinho e família (Paula e Paulo Virgílio)



**Foto 51: Dr. Dijaume e Aristeu Barbosa de Jesus (Cunhado – Amigo)
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)**

“No primeiro instante minha irmã apareceu com um namorado, era um rapaz chamado Dijaume estudante de medicina. Novos encontros aconteceram e, no decorrer do tempo vários fatos aconteceram na relação dele com a nossa família, extremamente positivos, coisas boas. Dr Dijaume que simpaticamente alguns carinhosamente chamavam de Dedinha, algo marcante era a maneira dele, nunca agradava uma pessoa com uma mentira, com falsidade, não conseguia! Muitas vezes era chato por ser tão sincero, mas, nunca deixou de ser sincero, nunca abriu a boca para verbalizar uma palavra com falsidade era sempre a verdade doa a quem doer. Sempre muito conselheiro, cara muito cuidadoso, organizado, era muito pai, muito marido, filho, era um grude com ele, os menininhos. Algo de peculiar, era um médico muito humanista, o maior prazer da vida dele era poder fazer alguma coisa por alguém que estava precisando, na área da Medicina. Fez muita bondade na terra muita bondade, com muita gente, eu abusava dele, ligando pedindo remédio para um, ligando pedir para o remédio para outro, às vezes até consultar, ele gostava disso. Ele foi o médico que nasceu com Espírito de muita solidariedade e gostava de ajudar as pessoas e tinha prazer, tinha tesão em ajudar, uma coisa muito linda mesmo, eu amava esse jeito de ser, dele. Não demorou muito minha irmã passou por uma situação que ele foi atuar como médico lá em Uauá na Bahia e minha irmã me enlouquecendo, queria porque queria ir lá, na cidade, eu não tinha ideia de onde era a cidade, meu carro era um Fusca. Então depois de muita insistência de minha irmã, fui para o mapa e vi que era toda estrada de chão para chegar até lá e ela apaixonada, queria porque queria ir, aí ficava me conquistando

até que eu, para fazer o gosto dela, fomos. Saímos com destino a Uauá umas 4 horas da manhã, chegando lá umas 5 horas da tarde, foi um dia de muita chuva coisa rara e nessa viagem aconteceram vários fatos: carro atolou, entrou no lugar que não passava teve que fazer um desvio, vários fatos aconteceram. Até que enfim chegamos, extremamente cansados, e ele nos recebeu com muito carinho e muito amor, só que tem uma coisa muito importante nessa viagem, já tinha outra pessoa na viagem e eu não sabia, que era o filho de Diego, minha irmã não me falou, um filho estava na barriga da minha irmã, eu jamais imaginava isso, foi muito divertido quando eu fiquei sabendo que ela estava grávida, muito tempo depois. No dia que eu cheguei um pouco abatido, cansado, no segundo dia foi só festa, foi muito alegre, Dijaume muito popular, em todo lugar que chegava era uma festa, parecia que chegava Deus. Me envolvi logo com o pessoal, foi muito bacana ter convivido com essa figura tão simpática tão amável, Dr Dijaume. Certa vez, eu sem juízo dei cachaça aos meninos vomitaram tudo, meu Deus, eu ficava preocupado, se Dijaume souber disso... E foram muitas festas, convivência espetacular. O destino de cada um está na mão de Deus, eu vindo do sítio, minha irmã liga, ele estava no hospital já tinha ido visita-lo umas três ou quatro vezes, a falar que infelizmente Djalma partiu, muito triste... O sepultamento em Ribeirópolis, o velório foi o momento de muita emoção e um gesto de grandeza das pessoas que Ele viveu, uma aglomeração muito grande para se despedir desse homem que na terra soube ter convivência e soube viver com seu semelhante, fez muitas amizades onde passou, sempre daquele jeito dele, amava os mais simples e mais pobres, por obra da natu-

reza Deus o levou, para nossa tristeza, muito precoce. A passagem dele aqui na terra e a minha convivência com ele foi uma coisa boa, só um momento de alegria, poucas vezes na minha vida não estava super feliz, só alegria uma boa companhia, muito receptivo sabia receber com muita alegria às pessoas, com muita gratidão, tinha uma educação invejável e sempre, tranquilo. Depois que ele veio da Bahia para Aracaju o que eu mais amava era final de semana que ele ia para casa dele lá na praia lá, casa que até hoje existe lá no Condomínio Morada da Praia II, ele me ligava, eu trabalhando, só que ele dizia: passa aqui para tomar uma cervejinha! Que Cervejinha era, cervejinha boa, papo bom aí a gente bebia, e cantava uma música, quando ouço quando essa música chega lágrimas nos meus olhos, tanta lembrança, cantamos muito, eu era a segunda voz dele, com essa música do Compositor Moacir De Oliveira Franco...

Você me pede na carta
Que eu desapareça
Que eu nunca mais te procure
Pra sempre te esqueça

Posso fazer sua vontade
Atender seu pedido
Mas esquecer é bobagem
É tempo perdido

Ainda ontem chorei de saudade
Relendo a carta, sentindo o perfume
Mas que fazer com essa dor que me invade
Mato esse amor ou me mata o ciúme

O dia inteiro te odeio, te busco, te caço
Mas no meu sonho de noite, eu te beijo e te abraço
Porque os sonhos são meus, ninguém rouba e nem tira
Melhor sonhar na verdade que amar na mentira

Ainda ontem chorei de saudade
Relendo a carta, sentindo o perfume
Mas que fazer com essa dor que me invade
Mato esse amor ou me mata o ciúme

... Que Deus esteja com ele, um dia nos encontraremos, relatos de meus arquivos memoriais”.

Aristeu Barbosa de Jesus (Cunhado – Amigo)

...Fui eu que perguntei a um amigo, e esse amigo citou um pensador, cujo, texto mencionava a palestra de Mário Sérgio Cortella, indo ao encontro da memorável palestra, ouvi Cortella reproduzir a ideia de um outro poeta através da célebre frase: “eu não estou aqui”

... “eu não estou aqui...”

A frase acima fora atribuída ao poeta Mário Quintana para inscrição em sua lápide... Dijaume Francisco de Lima, Dêda, Dr. Dijaume, Dedinha, não me passou diretamente nenhuma mensagem. confesso que não tive tanta proximidade porque, quando criança, eu era muito tímido, mas me recordo sobremaneira que em toda ocasião, ao visitar a casa dos meus avós, havia uma figura sempre muito presente, tio Dedinha, carregava o dom de agregar, de aglomerar.



Foto 52: Dr. João Lincoln Lima Brito
Fonte: arquivo pessoal (Deralda Lima)

As pessoas o procuravam, ouviam-no, cercavam-no. seja para sorrir das suas anedotas, seja para valorizar suas referências. Soube também, não pelo próprio, mas por terceiros, que o Dr. Dedinha não media esforços para que remédios fossem distribuídos à população ribeiriopolense.

Soube, também por outrem, que após consultar seus pacientes ele se dirigia muitas vezes à frente do hospital e conversava de igual pra igual com seus conterrâneos, quebrava as barreiras verticais entre o cuidador e o enfermo, a palavra de conforto era ofertada, mesmo após as prescrições e consultas.

Fiquei sabendo também por suas irmãs que muitas das necessidades da família Lima eram minoradas pelo querido irmão médico, e que mesmo doente, acometido por estado incômodo outro, não relegava a família a segundo plano. Conheci o tio Dedinha não tão de perto, não pela versão dele, conheci-o mais pelos pacientes

que após serem consultados por mim, lembravam-se dele em minhas feições, perguntavam se era filho dele... respondia enaltecido que era sobrinho e me orgulhava pelos elogios que a população de Ribeirópolis dirigia a ele, os pacientes lembravam com ternura do bom doutor tão representativo àquela cidade. Nada mais justo que ter recebido, o hospital, o nome Dijaume Francisco de Lima, fez e fará parte da história de Ribeirópolis.

... “eu não estou aqui” ...

Mário Quintana teria deixado escrito isso em sua lápide porque o homem não finda quando desencarna. Tio Dedinha não convive com os seus restos, parte dele ascendeu... parte dele permanece no coração da sua família, no empenho dos seus filhos, nas orações das suas irmãs, nas boas lembranças da população riberopolense.

Assim como Quintana, ele não está junto à sua lápide... ele está eternizado no legado que deixou à população de Ribeirópolis. O poeta das coisas simples passou a mensagem a Cortella, que passou ao público da palestra, que chegou a outro pensador que passou ao meu amigo que passou a mim, pessoas talentosas e que fazem o bem, não precisam deixar nenhuma mensagem diretamente, elas terminam chegando a passarões e passarinhos inexoravelmente. Pena que a minha timidez e a minha tenra idade me privaram de ouvir aquele que aglomerava e agregava através da boa conversa, as pessoas com as quais convivia, emanava luz que ora ofuscava, ora norteava, mas, nunca ficava despercebida

Felizmente, eu estou aqui!

Estou aqui com seus filhos, suas irmãs, sua família, seus pa-

cientes e com a escritora Márcia Rejane para homenagearmos aquele que estará, ad aeternum, sentado à mesa da Família Lima, no pátio externo da casa, para lembrar que mais importante do que aquilo que você profere em vida é a mensagem, direta ou indireta, repercutida no coração daqueles que o ouviram ou que foram agradados com ela.

Obrigado Dr. Dijaume!

Dr. João Lincoln Lima Brito

“Amor sincero! Gratidão imensa! Meu anjo da guarda, sua presença foi a minha resistência. Uma família unida e abençoada como a nossa, não poderia ter criado irmãos menos amorosos. Minha saudade é constante. Passamos por tantos episódios gloriosos e dolorosos. Reforço a confiança na providência divina para a vida humana. Mas teu adeus, feriu minha alma. Reconheço Você tudo, tudo, tudo, tudo pra mim. Bonitinho, Dedinha, Dr. Dijaume Francisco de LIMA. Meu irmão! Meu ídolo! Te amo”!

Derival Lima (irmão)

“Eu, Djenal Lima sou irmão mais próximo de Dijaume ou Dedinha e apesar disso tivemos uma infância afastada, pois com mais ou menos 13 anos Dedinha foi estudar em Aracaju. Nos aproximamos dois anos depois, pois também fui estudar lá e daí pra frente começamos uma vida mais próxima. Dedinha era um irmão alegre, e fazia muitos amigos. Já como aluno de medicina era um cara muito responsável e agia como um médico mesmo antes da sua

formatura. No fim de agosto de 1977 ele e nossos primos Tibiliu e Antônio Santos saíram de Ribeirópolis até o estado do Pará para socorrer seu irmão Derival que tinha sofrido um acidente; onde o encontra sem assistência. E indaga pelo médico responsável o porquê não o atenderam? E foi informado que não sabiam a origem e se tinha condições de arcar com as despesas. Atitude que mesmo ainda sem estar formado não era a que Dedinha tinha. Pois atendia a todos sem distinção. A partir desse momento acompanhou seu irmão para Salvador para que junto com outros médicos atendê-lo. E nesse meio tempo volta para concluir seus estudos e participar da sua formatura. Formado pela Universidade Federal de Sergipe, foi trabalhar no 28BC em Aracaju/SE e em seguida na cidade de Uauá/BA, onde se firmou como médico e humanitário. Era um bom irmão, um bom médico, um bom amigo e muito amoroso; em meados do ano de 1986, ele pede para que eu levasse para ele o disco (na época disco de vinil) dos cantores Milionário e José Rico onde tinha a música “Sonhei com Você”. Quando o recebeu, começou a ouvir a música por quase 9 horas seguidas... conseguiu furar o disco! Em visitas feitas em Uauá constatamos e nos alegramos em ver o quando Dr. Dijaume era querido, não só por todas as pessoas da cidade como também de todo o interior. Por várias vezes foi adiada a sua vinda para perto da sua família, e a sua volta só foi comunicada ao diretor do hospital local, mas sem confirmação de dia e hora. Ser médico é uma profissão muito bonita, aceita na sociedade, mas para um médico amoroso e responsável é também muito sofrida e dolorosa. Dr. Djaume teve que presenciar a perda de um primo cunhado, irmão, e de seus pais. Parabéns Dr. Djaume por ter a força, a coragem e a bondade de tantos momentos difíceis e tristes, como também fazer parte de belos momentos de alegrias

e felicidades. Meus sinceros parabéns e que Deus te abençoe e cuide de você, onde você estiver. Te amamos muito”!

Do seu irmão ***Djenal Lima***

“Saudades e amizade sincera do primo Dr. Dijaume Lima o famoso Dedinha do veio Durval Lima. Quando sua formatura em Medicina eu como primo dele e toda nossa família tivemos o maior orgulho porque eu digo isso, porque foi primeiro médico de nossa família com diploma suado estudado, com muito suor e sacrifício com muitas noites perdidas de sono no qual eu conversava muito com minha tia Alice (in memoriam) uma mulher guerreira, porque naquela época era contado quais os pais que podiam colocar um filho para estudar em Aracaju. Era pouquíssimo que podiam estudar em Aracaju. Eu tenho uma passagem que marcou minha vida, outrora, fui trabalhar de garçom no ano de 1967 em Aracaju, quando eu ainda não conhecia ‘panela de pressão’ um certo dia, um cidadão da cidade Maruim comprou o bar e disse faria uma sopa mão de vaca pra melhorar as vendas, no segundo dia que eu trabalhava com este cidadão, fui fazer compras no supermercado G Barbosa pra repor estoque do bar, quando fui a cozinha a panela de pressão estava soprando a mil por hora, peguei uma marreta de 10 quilos pra tentar abrir a panela quando eu não esperava, a panela explodiu no meu rosto, tive uma queimadura de zero grau, passei 30 dias internado no Hospital de Cirurgia e Dijaume me deu todo apoio, após sair do Hospital, falou com os amigos com quem morava em Aracaju para estudar na Rua de Lagarto, ao con-

tar o que houvera todos, neste mesmo dia, tia Alice tinha ido levar uma feira gorda pra Dedinha, como eu o chamava”.

Miguel Antônio dos Santos (Primo)

“Na década de 80, chegava à cidade de Uauá, Estado da Bahia, um médico jovem, Dr. Dijaume, que trabalhou na clínica e Maternidade Anita peixinho, prestou um trabalho brilhante em nossa cidade, deixou um grande legado, era um homem de muitas qualidades um excelente médico, sensato, amigüeiro, simples, de fácil acesso e um ótimo vizinho, guardo boas lembranças dele e a melhor delas a sua risada larga, bem-humorado, vivia de bem com a vida, gostava de viver, comer bem, churrasco e uma boa gelada. Lembro-me dele apaixonado pela família, sua esposa Dôra, os seus filhos... amava esses filhos demais, um pai extremista e excelente, amava demais esses filhos muito, muito: Diego, Thiago e o caçulinha Igor, o Iguinho, como ele costumava chamar. Guardarei sua lembrança para sempre, em Uauá fez o seu trabalho de médico com muito amor, dedicação e responsabilidade, salvaram muitas vidas e deixou um grande exemplo profissional. Que lá no céu esteja muito feliz como sempre foi. ‘Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas (Cora Coralina)’”.

Do Amigo ***Dr. Carlos Alberto Reis Ferrão*** e Família.



Foto 53: Waltinho, Derivanda, Dr. Dijaume e Dilzélia – Irmãos!
Fonte: arquivo pessoal (Derivalda Lima)

“Enfrentei sucessivas e irreparáveis perdas dentre estas, meu irmão, nosso porto seguro, quando soube que também teria ido se juntar ao meu grupo de Anjos no Céu, senti o peito cansado, dores e mais dores e me perguntei, e agora? Quem será meu suporte pra me reanimar, recuperar, ser minha força, para enfrentar, mas um dia fatídico em minha vida... Recuo no tempo e me lembro de como foi bonita sua existência no nosso meio, seu carisma, sua agradável companhia. Seu nome jamais cairá no esquecimento, nossa amizade e parceria é eterna, nada apagará tudo de bom que vivemos, você foi, é, e sempre será nosso escudo. Nessas palavras de agradecimento de amor, a devida homenagem, ora reconhecida pela autora, honremos seu nome, seu legado, soltaremos lágrimas assim que a saudade apertar. Entregamos-te a Deus para que ‘Ele’ te conceda as Graças do céu, Dr. Dijaume Francisco de Lima, meu irmão, muito obrigada querido, por tudo”!

Dilzélia Lima

COLORÁRIO

Viver traz consigo a força de exercermos e realizarmos nossas aspirações. Viver a “alma” de alguém é salutar, sublime, uma aprendizagem sem igual. O universo de um menino filho de agricultores, comerciantes, fazendeiros que passou a infância numa família de quinze (15) pessoas incluindo os pais, que foi alfabetizado pela mãe e viveu uma geração que atravessa séculos, inspiração.

Na escola é determinado, estudioso, responsável, sendo assim por toda a vida escolar. Na adolescência, já ausente do aconchego familiar para prosseguir com os estudos, recebe todo apoio e segue...

Sente as necessidades e desejos de adolescente, namorado, cheio de paixões e decepções, amores e temores. Teve a oportunidade de, intensamente, refazer seus caminhos estudantis, porém, algumas de suas escolhas, não puderam ser reavaliadas, talvez não houve tempo.

Agradecer, portanto a esta família que acolheu as minhas indagações, foram solícitos e constituíram esta obra é pouco, difícil expressar, a citar: Derialda Lima, Waltinho Lima, Maria José Lima, Djenal Lima, Maria Dormelice Lima, esposa – viúva Maria Auxiliadora de Jesus Lima e, aos filhos Dr. Diego, Thiago e Dr. Igor Dijaume.

Ao Dr. Dijaume Francisco de Lima, foi uma honra viver em

you in all circumstances and aspects, imagine your pains, your loves, your decisions, your conquests, pains and cures, it is grandiose. I was a child, adolescent, aspirant of the Medicine course at the Federal University of Sergipe still in the decade of 1970, a young and veteran, recently formed, upon entering your history.

Feel the love of the people that once welcomed you as you and remain yours! From the family members in which you live... and in the people who will know your history through this book that describes succinctly, some of the passages of your life.

Dipping into this sacred universe is of inestimable value, showing a little of the history of a sergipano, natural of Ribeirópolis, Sergipe who won through studies, demonstrating in the course of life many pains, dislikes and joys, obstacles that served as a base for the construction of a great professional, highlighting the contributions for all generations, something inspiring for students and professionals of Education that are "mirrors" for the students and for society in general.

For those who at this moment, feel discouraged, since, not having reached the immediate approval, it is possible, depends on each one. Of thirteen (13) motivated children, subsidized to continue the studies, only one persevered, showing determination, desire and realization of Maria Alice de Lima and Durval Lima, through the son doctor.

To all, live intensely, if possible "In the way of Dedinha de Ser", singing, playing, studying, dating, facing the challenges of head up, learning with each situation. O

médico deixa seu legado, contribuições para a família brasileira, sergipana e ribeiriopolitana, para a Medicina, a Educação, a esposa, os filhos, netas, noras, irmãos e irmãs, primos e amigos...

Deixemos marcas positivas no coração uns dos outros!

Sejamos felizes!

Dr. Dijaume Francisco de Lima, em nome de toda a sociedade, muito obrigada!

No caminho...

Márcia Rejane Oliveira Santos nasceu no dia 24 de março de 1979, na cidade de Itabaiana/Sergipe. Filha de Ulisses dos Santos e Maria de Oliveira, tem 11 irmãos: José dos Santos, Maria do Carmo Oliveira Santos (Carminha, in memoriam), Damião dos Santos, Cosme dos santos, Denivaldo dos santos, Evandir Oliveira Santos (in memoriam), Antônio Marcos Oliveira Santos (in memoriam), Valdês dos Santos, Cássia Maria Santos, Fábio Oliveira dos Santos (in memoriam).

Residiam em um povoado do município de Ribeirópolis/Sergipe, na zona rural, chamado Riachão, de origem humilde, mas, com uma base familiar alicerçada nos princípios e valores do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus, sobreviviam da agricultura, do trabalho alugado (venda de diárias) e também de uma casa de farinha artesanal, por vezes, foi a fonte única de sustento, do trabalho dos pais, Ulisses e Maria, e dos irmãos mais velhos.

Começou os estudos em uma escola polivalente no mesmo povoado, na Escola Municipal Beatriz Carvalho da Silveira Souza, aos 07 anos de idade, permanecendo nesta escola da 1ª a 4ª Séries do Ensino Fundamental. Nesta mesma escola, grupo escolar, substituiu a professora regente, Maria Josefina de Araújo, quando a mesma estava doente, nascendo assim o sonho de ser Professora.

Aos 12 anos passou a estudar na cidade, Ribeirópolis, no Colégio Municipal Josué Passos, no qual cursou da 5ª Série do Ensino

Fundamental ao Ensino Médio, Magistério. Durante este período, infinitas dificuldades, a princípio, morou com sua irmã Cássia, estudando de segunda a sexta e finais de semana voltava pra casa, no povoado Riachão. Após a conclusão do ensino médio e sem querer parar de estudar, durante 02 anos continuou os estudos no Colégio Estadual João XXIII, o segundo e o terceiro ano Científico.

No ano de 2000 prestou vestibular, ingressou na Universidade, Graduada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar pela Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo/Faculdade Pio Décimo, no segundo semestre de 2004, motivo de muito orgulho, pois venceu dificuldades imensas para concluir os estudos, ministrava aulas de reforço escolar, buscava por contratos da Secretaria Estadual de Educação, a dificuldade para aquisição de apostilas e alimentação, foram constantes. Recebeu ajuda por meio de desconto nas mensalidades de José Sebastião dos Santos, conterrâneo e proprietário da Instituição. Em 2006 recebe um presente do céu, nasce o filho Gustavo, um Anjinho loiro que trouxe consigo a alegria de viver.

Dois anos depois, voltando a estudar fez pós-graduação em Psicopedagogia Inclusiva. Trabalhando sempre em instituições privadas a citar, Colégio Isaac Newton, na cidade Ribeirópolis e Centro de Educação Básica Auxiliadora Paes Mendonça, no povoado Serra do Machado, como Professora, Auxiliar de Coordenação e Coordenadora Pedagógica. Em 2012 realizou 02 concursos públicos, foi aprovada e passou a integrar a rede de Professores do Estado de Sergipe, e do município de Aracaju/SE, uma grande alegria e realização para toda a família.

Assume as funções como professora no município de Aracaju no dia 06 de dezembro de 2012, na Escola Municipal de Educação Infantil Dr. Fernando Guedes, na qual exerceu a função por aproximadamente 07 meses, sendo convidada pela Professora Michele de Jesus a fazer uma permuta, pois, a referida professora residia em Aracaju e deslocava-se para trabalhar em Ribeirópolis, enquanto que a professora Márcia reside em Ribeirópolis e deslocava-se a Aracaju todos os dias para o exercício da função, então, através de intervenção política, do ex prefeito de Aracaju João Alves Filho, Antônio Passos Sobrinho, João Francisco da Cunha prefeito de Ribeirópolis, na época, efetivaram a permuta, ficando em vigor até o dia 06 de fevereiro de 2021, quando a professora Michele de Jesus, faleceu depois de uma grave doença, Aplasia Medular, de forma inesperada e cruel.

Sendo assim, com o fim da permuta, o então prefeito de Ribeirópolis Rogério Costa Sobral, após solicitação da própria e de muitas pessoas, a citar Maria Carvalho dos Anjos e outros Anjos Intercessores, requisitou a professora Márcia Rejane Oliveira Santos, para continuar exercendo a função em sua cidade natal, pois, seria muito difícil, neste momento, mudar-se para a capital. No dia 11 de fevereiro de 2012, assume as funções como Professora na Escola Estadual Professora Maria do Carmo Santos, em sua cidade Ribeirópolis, Sergipe, na qual permanece, hodiernamente.

Em 2013, viu sua vida parar literalmente... Uma tragédia sem precedente atingiu sua família, e sua cidade: os pais, irmã mais velha e o irmão mais novo, sofreram um grave acidente automobilístico... morreram os 4! Sim, sucumbiram entre as ferragens e

o asfalto, no dia 21 de junho de 2013, uma manhã de sexta-feira.

Em 2015, recebe mais uma vez um nobre presente, a amada filha Tarsila Maria.

Os estudos, a escrita de textos científicos e poéticos, sempre foram o grande empreendimento emocional e cognitivo e então volta a estudar, fez pós-graduação em Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania e Mestrado em Ciências da Educação pela Flórida Christian University. Atualmente, faz Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção - Paraguai.

Atua no solo sagrado da Sala de Recursos Multifuncionais no Atendimento Educacional Especializado/AEE na Escola Estadual Professora Maria do Carmo Santos e no ensino regular é Professora da Escola Municipal Maria Alaíde Menezes, ambas no município de Ribeirópolis/SE. Participa de formações na área de Pedagogia, Psicopedagogia, Políticas Públicas de Inclusão, dentre outros. Tem artigos publicados e participações em livros, Revistas Científicas, Antologias e Coletâneas Literárias. O gosto pela leitura é um presente do amado Pai, Ulisses dos Santos, que lia para a mesma enquanto estava em seu colo, embaixo de uma linda seringueira, na frente da humilde casa, na zona rural, uma verdadeira experiência de amor paterno, fraterno, literário.

Escreve poesias, paródias, literatura de cordel desde a adolescência, porém, as publicações realizaram-se há aproximadamente 05 anos. Lançou o primeiro livro, intitulado “Sonho de Menina”, no dia 05 de junho de 2021, em Ribeirópolis/Sergipe, como também

organizou uma coletânea I Encontro de Escritores de Ribeirópolis e Convidados. Ambas as obras contempladas pelo edital público da Lei Aldir Blanc, regulamentada pelo Decreto Nº 10.464, de 17 de agosto de 2020, a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020.

É membro fundadora da Academia Municipalista de Sergipe – AMS e da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo – AILAP.

Portanto, professora apaixonada pela dinâmica escolar, pelas descobertas que ocorrem no interior da escola e no interior de cada aluno, de cada componente da comunidade escolar, acredita que na escola, nos livros, nos versos, fazemos nossas viagens mais importantes, dentro de nós mesmos, quando desconstruímos para construir conhecimentos. Apesar de tantas adversidades, louva e agradece a Deus pela família, pelo amor, pela Educação, pela vida!

